

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

GUSTAVO SILVA DE MOURA

E A CIDADE ESTREMECEU: A cultura do Rock/Metal nas décadas de 1980 e 1990 em
Parnaíba-PI.

PARNAÍBA – PI

2014

GUSTAVO SILVA DE MOURA

**E A CIDADE ESTREMECEU: A cultura do Rock/Metal nas décadas de 1980 e 1990 em
Parnaíba-PI.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof. M.s. André Aguiar Nogueira.

PARNAÍBA – PI

2014

M929c

Moura, Gustavo Silva de

E a cidade estremeceu: a cultura do rock/metal nas décadas de 1980 e 1990 em Parnaíba-PI / Gustavo Silva de Moura.- Parnaíba: UESPI, 2014.

87 f. : il.

Orientador: Ms. André Aguiar Nogueira

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual do Piauí, curso de História, 2014.

1. Música 2. Rock metal 3. Cultura 4. Juventude I. Nogueira, André Aguiar II. Universidade Estadual do Piauí III. Título

CDD 780.722

GUSTAVO SILVA DE MOURA

**E A CIDADE ESTREMECEU: A cultura do Rock/Metal nas décadas de 1980 e 1990 em
Parnaíba-PI.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Ms. André Aguiar Nogueira – UESPI
Orientador

Prof. Ms. Josenias dos Santos Silva – FID
Examinado 01

Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barbosa – UNILAB
Examinador 02

Dedico a minha mãe Teresinha, família, meu avô Benedito (*In memoriam*), também a minha companheira Julianna Araújo e a todos meus amigos que ajudaram direta e indiretamente nesse trabalho.

AGRADECIMENTO

Começarei agradecendo minha família, pois tenho certeza que sem ela seria impossível concluir alguma coisa, mas o conceito de família que levo, não incluem somente pessoas que tenho laços de sangue. É minha família, a minha mãe Teresinha de Jesus, mulher que sempre se esforçou para dar o melhor e me ensinou a dar valor às coisas que conquistamos com o esforço, sempre fez o máximo nessa missão.

Considero também como minha família a minha companheira, amiga, namorada, esposa, pessoa que passo grande parte do meu tempo e também toda sua família que me acolheu carinhosamente, seus pais Senhor Luíz Carlos, Dona Dulce (que faz um suco de maracúja sem igual), seu irmão Lucas e sua prima Carol, que são pessoas que se tornaram presentes no meu cotidiano. Também aos nossos gatos/filhos Ikki e Lyra, pelos momentos de alegria. Essa pessoa que eu chamo de "PESSOA", Julianna (isso mesmo com dois "N"s), nos milhares de anos que estamos juntos sempre me deu apoio, seja em questões físicas, ou me dando força para continuar. Deu-me livros de presente, o melhor presente que uma pessoa pode receber. Também estive ao meu lado nas muitas dificuldades durante o percurso do curso, nas portas que se fecharam na minha cara, assim como nas alegrias e portas que se abriram. Meu muito obrigado, espero sempre está ao seu lado.

Durante nossa vida temos encontros, desencontros e reencontros, nisso conquistamos e somos conquistados por várias amizades. Agradeço as pessoas que me acompanharam nesses quatro anos de UESPI, os poucos que restaram daquela turma de quase trinta alunos, assim como aqueles que chegaram depois no curso de História, além de pessoas de outros cursos que tive contato, em eventos ou pelos corredores da universidade.

Nesses quatro anos fui músico em algumas bandas, não desmerecendo nenhuma delas, mas as que marcam com as melhores memórias são: a "Funneral", nesta banda estão meus amigos, que vou colocar na ordem alfabética, porque todos tem a grande importância: Alexandre; Coutto Jorge; Luciano; a banda "Os Guachistas" com os amigos: André Mello; Coutto Jorge; Luciano.

Depois de falar da Funneral e d'Os Guachistas, inevitavelmente tenho o dever de falar do "Deus Guache" o único Deus que solta lazer pelos mamilos, sendo todos os integrantes, fiéis sacerdotes dessa nova religião, quem estiver lendo isso pesquise no

Facebook sobre esse Deus e subira os degraus da escada do sucesso.

Agradeço grandemente ao meu amigo e orientador André Aguiar por acreditar nesse trabalho, que já tinha sido desacreditado por alguns professores. Agradeço também por ter paciência com meus atrasos e minhas dificuldades, mostrou caminhos que foram de grande importância para que um dia eu estivesse escrevendo um agradecimento do meu trabalho acadêmico. Agradeço também ao professor/pesquisador Paulo Gustavo da Encarnação, que deu várias dicas no começo da pesquisa e teve disponibilidade e atenção ao responder todos os e-mails que mandei (não esqueci o seu pedido, sobre enviar o trabalho finalizado, espero que aprecie a leitura).

Agradeço aos colaboradores Paulo “*Death*” Veras e Teófilo Lima por terem disponibilizado uma parte de seu tempo e vida. Agradeço também aos pesquisadores Edilson Monteiro e Thiago Araújo, por terem disponibilizado prontamente seus trabalhos para o fortalecimento da pesquisa, mostrando na prática a colaboração do Rock para com seus iguais. Agradeço também todos os professores que passaram por esses quatro anos de curso, no qual, direta e indiretamente contribuíram para minha formação profissional, uns mais e outros menos, mas sempre com alguma importância, mesmo diante das precariedades que vivemos durante esse longo percurso.

Agradeço aos companheiros do grupo de estudos coordenado pelo professor André Aguiar, que tem como integrantes: Izael; Suzana; João Victor e Juliana. Obrigado pelas discursões e palavras de motivação nos momentos, como chamamos popularmente no Piauí, “apereio”. Agradeço também as conversas sempre contrutivas com Diêgo, Eriton e Alexandre. Tenho grande gratidão ao amigo Fabiano Santos, que nos períodos de estágio e em outros momentos importantes para minha formação profissional, me ajudou demais, valeu amigo. Agradeço aos professores Josenias Silva e Edson Holanda por contribuírem com esse trabalho participando da banca de avaliação.

Sei que muitas coisas se perdem num agradecimento, mas a memória é assim mesmo, alguém que esteja lendo e pense “eu deveria estar aqui”, não pense que eu quis negar a sua existência, se você me conhece mesmo vai entender. Espero ter respondido as expectativas, depositadas por todos aqueles que contribuíram com essa pesquisa, que mostra a capacidade do Rock de Parnaíba, a partir de um de seus inúmeros personagens. Conto uma pequena parte dessa experiência nas próximas páginas.

“Eu já cresci nessa área de música, minha brincadeira predileta era juntar uns baldes, umas latas, fazer umas baterias e tudo, sempre tive facilidade também em aprender as letras, decorar as letras, sempre fui meio afinado né?! Desafinado como eu sou hoje (risos)”.

(Teófilo Lima – Cantor e compositor parnaibano)

“Porque assim, essa coisa da sociedade achar que determinados grupos de pessoas tem que pensar igualmente a eles, isso ai jamais vai acontecer. Porque a gente vive num mundo onde grupos pensam diferentes, diferentes entre si, isso é fato. Então, a sociedade achar que porque você é roqueiro ela vai ter que estigmatizar você e você ter que pensar igual a ela, isso é idiotice, isso jamais vai acontecer.”

(Paulo “*Death*” – Guitarrista parnaibano)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações e os sujeitos sociais que constituíram a cultura Rock/Metal na cidade de Parnaíba-PI, nas décadas de 1980 e 1990. Utilizando a História Oral, e outras fontes de pesquisa, pretende-se problematizar a inserção da cultura musical na cena urbana, a partir da realização de entrevistas com os personagens que vivenciaram esse universo. Procura-se relacionar esta pesquisa a outras análises sobre expressões juvenis da cultura urbana de Parnaíba-PI, tematizando possíveis lacunas na historiografia local sobre a temática. A partir da Segunda Guerra mundial a juventude começou a mudar de atitude em várias partes do mundo. Nesse contexto, passou-se a criar uma série de práticas alternativas e a desenvolver diversas formas de expressão artística, inclusive na cidade de Parnaíba. No campo da música, figurou o aparecimento do rock como estilo musical que influenciou amplamente a juventude mundial, sofrendo mutações de acordo com as particularidades das localidades nas quais seus adeptos estão inseridos. O objetivo é analisar as práticas cotidianas dos roqueiros, o aparecimento de novas bandas, a participação nos eventos e a produção da cultura local vinculada ao Rock.

PALAVRAS-CHAVE: Música Rock/Metal; Cultura; Juventude.

ABSTRACT

This work aims at analyzing the relations and social actors to who made up the Rock/Metal culture in the city of Parnaíba-PI, during the 1980s and 1990s. Using Oral History, and other sources of research, we intend to questioning the inclusion of musical culture on the urban scene, from the interviews with the people who lived this universe. Seeks to relate this study to other analyzes of juvenile expressions of urban culture Parnaíba-PI, thematising possible gaps in local historiography on the thematic. Since the Second World War has begun to change youth attitudes in various parts of the world. In this context, we started to create in series of alternative practices and develop various forms of artistic expression, including the Parnaíba city. In the area of music, figured as the emergence of the rock musical style which largely influenced the world's youth, undergoing mutations according to the particularities of the localities where its followers are inserted. The objective is to analyze the daily practices of rockers, the emergence of new bands, participation in events and production of local culture linked to the Rock/Metal.

KEY-WORDS: Rock/Metal music; Culture; Youth.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01 - Foto do Publico no Rock in Rio 1985.....	37
Figura 02 - “5 MIL PELAS DIRETAS EM PARNAÍBA”.....	40
Figura 03 - Charge da banda inglesa <i>The Beatles</i> em formato de banda de forró.....	43
Figura 04 - <i>Flyer</i> do "Curvão Rock Festival".....	48
Figura 05 - Foto da banda Rabiscos Urbanos com o cantor Belchior.....	50
Figura 06 - Foto de divulgação da banda <i>Outsider</i> em 1997.....	51
Figura 07 - Banda Inferno no Céu.....	53
Figura 08 – Foto da banda teresinense Vênus.....	56
Figura 09 - <i>Flyer</i> do evento de lançamento do primeiro trabalho da banda <i>Outside</i>	64
Figura 10 - Cartaz do I Festival de Música Popular (I FEMUSP).....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNB – Banco do Nordeste do Brasil.

Brock - Rock brasileiro na década de 1980.

CD - *Compact Disc*.

EUA - Estados Unidos da América.

FEMUSP - Festival de Música Popular.

FIC - Festival Internacional da Canção.

LP - *Long Play*.

MPB - Música Popular Brasileira.

OMB - Ordem dos Músicos do Brasil.

PIEMTUR - Empresa de Turismo do Piauí.

SESC - Serviço Social do Comércio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - MÚSICA PARA ACORDAR	18
1.1 Primeiros Acordes: Rock, Indústria Cultural e Contracultura	19
1.2 Farejando: Historiografia do Rock de Parnaíba-PI	25
CAPÍTULO 2 – DISSIDENTES DO MUNDO	32
2.1 Odiamos o que é pra odiar: O fortalecimento do rock nacional e sua influência na juventude parnaibana	35
2.2 Um grito de contra-cultura: Política alternativa e Rock em Parnaíba-PI	38
CAPÍTULO 3 – ADRENALINA A MIL, NA CABEÇA DA RAPAZIADA	44
3.1 Na parada musical do litoral: a formação do pop/rock parnaibano	45
3.2 Entre porcos e restos mortais: o <i>underground</i> do <i>Heavy Metal</i> de Parnaíba-PI	51
CAPÍTULO 4 - A JUVENTUDE TODA VAI ESTAR LÁ, E VOCÊ VAI FICAR DE FORA?	56
4.1 Rock Show: memórias e possibilidades criadas pelos primeiros contatos ativos com o Rock/Metal em Parnaíba-PI	57
4.2 O Headbangeirismo: Rock/Metal em Shows e Festivais da Região	62
CONCLUSÃO	67
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	70
ANEXOS	76

INTRODUÇÃO

“As canções são justamente pensamentos, elas param o tempo por um momento. Escutar uma canção é escutar um pensamento.” (Bob Dylan, Sem data).

O Rock¹ por muito tempo foi objeto de estudo de jornalistas que desde a década de 1960 narram a sua evolução musical. Diante dessa bibliografia vemos que o Rock, consideravelmente, aparece em vários momentos na história, com novas vertentes e diferentes ideologias. Quando escolhi pesquisar sobre o Rock, vieram-me muitas perguntas: como eu poderia fazer isso? Que recorte temporal? Qual recorte espacial? Com o amadurecer dessa ideia vieram novas perguntas: como problematizá-lo enquanto objeto historiográfico? Como percebê-lo como construção cultural? Além de várias outras perguntas que no decorrer da pesquisa aparecem, fazendo com que escolhas sejam feitas.

Hoje percebo que estou inserido no que Marcos Napolitano chama de “fã-pesquisador”. Nos corredores da universidade, em alguns momentos na fala de alguns professores-historiadores, ouvimos que devemos ter uma afinidade e aproximação com o objeto a ser pesquisado ao escolher um tema para se dedicar. No momento em que decidi ser um fã-pesquisador, as fontes apontaram a importância da temática na atualidade. Além disso, pesquisar algo que não esteja dentro do nosso domínio sensível pode se tornar massacrante.

Fiquei algum tempo com esse pensamento, indagando sobre como pesquisar algo relacionado ao Rock. Estava ouvindo a coletânea de bandas punks brasileiras, “O começo do fim do mundo”, gravado no SESC² Pompeia, onde, ao final de uma música, o vocalista gritava “ninguém sai sozinhos, a polícia está esperando lá fora e já pegaram uma galera, não saiam sozinhos”. O ano era 1982, em São Paulo. O Brasil vivia os últimos anos de ditadura civil-militar, com isso me vieram algumas indagações: Quem era essa galera e por que a polícia desejava pegá-los na saída do show? Afinal, Parnaíba-PI estava alheia a esses acontecimentos?

Quando falamos com pessoas mais velhas da cidade de Parnaíba-PI, percebemos em alguns discursos que não aconteceram “fatos marcantes” na história da cidade, principalmente quando indagamos sobre contestação juvenil. Será que é lembrado algo em Parnaíba-PI relacionado aos roqueiros enfrentarem algum tipo de repressão de

1 O termo Rock com letra maiúscula se refere ao clima dos movimentos musicais e de rock música (com minúscula) (CHACON, 1983. P. 19).

2 Serviço Social do Comercio.

regimes políticos ou da sociedade?

Grosso modo, o Rock pode ser dividido em duas partes: o rock música e o rock comportamento. Este se mune do primeiro. O rock como uma expressão musical compõe-se de vários aspectos culturais: música, corpo, indumentária, mercado fonográfico, imaginário, sensações, dentre outros. Nisso, vemos que o Rock é mais do que um simples estilo musical, ele ecoa os sons e transforma o cotidiano da pessoa que escolhe seguir esse modo de vida. Desde seus primeiros acordes, ele traz a contracultura³ na sua composição que, mesmo sendo uma arte comercializada para as massas, não perdeu o espírito contestador.

O Rock assim como culturas que tem como bases a realidade local, é colocado como inferior pelas classes altas, pois seus praticantes são em grande parte das camadas economicamente inferior. Mas o alcance do Rock transpassa essas barreiras, conseguindo conquistar jovens de camadas altas, mostrando que a cultura e os costumes são maleáveis em relação a diálogos entre os sujeitos sociais interclasses.

A sociedade capitalista gera dentro de si novos costumes, ocasionando choques de mentalidades e transformando as tradições. O Rock é uma cultura advinda do mundo capitalista como forma de subversão, mostrando que não somente a fome ou o instinto humano é causador de revoltas, mas também representações culturais de determinados grupos, lutam em frente às consequências sobre os costumes e crises da sociedade capitalista.

Numa sociedade que saía de uma grande guerra, a juventude começou a ver ao seu modo os lados que se confrontavam: o comunista e o capitalista, regimes rivais que estavam em alta naquele momento pós-guerra, chamada “Guerra Fria”. Mas nenhuma das alternativas oferecia uma perspectiva de futuro que agradasse uma parte dos jovens. Com isso, essa juventude começa a buscar alternativas que “agredissem” a sociedade como um todo. De todas essas contestações, nascem movimentos como o *Hippie*.⁴

O rock é originário dos EUA⁵, mas teve uma grande difusão em todo o

3 Foi um termo veiculado pelos meios de comunicação na década de 1960, onde caracteriza novas práticas culturais, que agrediam diretamente aos hábitos das famílias de classe média que tinha ambição pela ascensão social. Essa manifestação chamada de contracultura não se limitava somente ao estético, como por exemplo, homens com cabelos grandes, roupas coloridas, músicas ou drogas, eles também tinha como projeto novas maneiras de pensar, modos diferentes de encerrar e de se relacionar com a sociedade. (PERREIRA, 1992. P. 08)

4 Era um movimento ocorrido na década de 1960, baseado na prática da Paz, vivências em comunidades, dentre outros fatores que caracterizam uma sociedade alternativa ao capitalismo mundial, no Brasil tivemos algumas comunidade consideradas *Hippie*, dentre elas podemos destacar a comunidade baiana, organizada pelos integrantes da banda Novos Baianos, mostrando uma alternativa para a juventude em meio a ditadura civil-militar.

5 Sigla de Estados Unidos da América

mundo. Ele se adapta as condições sociais da sua localidade⁶. No documentário “Global Metal”, podemos perceber esse fator. Nele vemos que nas mais diferentes localidades, há práticas (contra)culturais encabeçadas pelo pensamento roqueiro. Na Índia um dos objetos de agressão são as vacas, animais sagrados para o povo indianos. Em Israel são os costumes religiosos. No Brasil temos como norteador da contestação, as desigualdades sociais, absurdos políticos e etc. Percebemos que há mutações de acordo com a necessidade de se contestar regimes de ideias autoritárias⁷.

Esses exemplos são evidências sobre o comportamento roqueiro/*headbanger*⁸, como liberdade e independência, além de outros fatores que não conseguimos perceber no âmbito familiar. Liberdade que busquei reconhecer naqueles que a defenderam em décadas anteriores a minha chegada nesse novo mundo Rock. Para ter essa percepção, tive que utilizar da História Oral, problematizando entrevistas realizadas por mim e as que foram produzidas por outros pesquisadores.

A História Oral entra neste trabalho como uma metodologia e fonte fundamental na construção do texto, pois estamos falando de sujeitos que vivenciaram, na década de 1980 e 1990, o espírito Rock na cidade de Parnaíba, estado do Piauí. Uma cidade de litoral localizada em um estado do Nordeste que, em muitas falas acadêmicas, é mostrada como uma cidade com efervescência cultural.

Consegui perceber no decorrer dos depoimentos dos sujeitos deste trabalho, no momento em que falam da condição atual da “Cena” ou “Movimento Rock⁹” na cidade, que diferentes rupturas e permanências do passado surgem em seus cotidianos. A História Oral me levou a perceber em falas, olhares e gestos que talvez com outro tipo de metodologia não fosse possível, diferentes histórias de vida, de sucesso, de lutas e até de derrotas, dentro do Rock do litoral piauiense.

6 Para Paulo Chacon o Rock é originário dos EUA, possuindo o seu maior manancial de grupos, mas ele é absolutamente internacional. Pois a construção do Rock é baseada na aproximação das culturas regionais e locais (CHACON, 1983. P.19-20)

7 “Global Metal” é um documentário dirigido pelo músico e cineasta Scot McFadyen e pelo antropólogo canadense Sam Dunn. Estreou em 2007. São mostrados os impactos da globalização com o *Heavy Metal*, exibindo como as diferentes pessoas e culturas transformaram a música *heavy metal*.

8 Denominação para aquele que tem como estilo musical/comportamental único práticas baseadas nas composições de Heavy Metal e suas vertentes.

9 O termo “Cena” é uma simplificação da palavra: “cenário”, sendo entendido como toda a conjuntura do universo roqueiro/*headbanger*, constituído das bandas, show e participantes. “Movimento Rock” é como alguns participantes ativos das práticas roqueiras intitulam a combinação de reunião de amigos que curtem rock para conversas, regadas a rock e bebidas, também faz parte dessa combinação as bandas e shows, não é incomum ouvirmos a frase “vamos fortalecer o movimento” na divulgação de algum evento. Sendo assim o conjunto de práticas culturais.

Em cada entrevista fui disposto a ouvir histórias de vida além do longo silêncio sobre o passado¹⁰, capacidade construída em várias horas de discursões com meus colegas de grupo de estudos. As discursões sobre a memória foram de fundamental importância. As questões sobre a negação do passado e o esquecimento demonstram como a memória de certa forma é usada para instituir e perpetuar identidades. O que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e do grupo¹¹. Isso é de fundamental importância, no momento em que estamos falando de pessoas, que de certa forma, querem mostrar um passado como referência ao presente, permitindo a perpetuação de grupos no futuro.

Não tratamos aqui as pessoas envolvidas no Rock parnaibano como fonte, mas como atores sociais. Isso facilita a relação entre entrevistador e entrevistado, pois para termos o “contar”, antes devemos ter o respeito e atenção para “ouvir”. A subjetividade é importante a partir do momento em que sua contribuição traz uma riqueza às memórias, influenciando diretamente na construção da personalidade do próprio pesquisador¹². Assim, no abandono da busca dos fatos objetivos, procuro prioritariamente comportamentos que regem o cotidiano e o imaginário dos grupos, lembrando que a uniformidade geométrica de uma sociedade, é uma perspectiva que não contempla a subjetividade fragmentada dos indivíduos que a constituem¹³.

Devemos perceber a necessidade de alguns indivíduos em expor parte de sua história, principalmente quando é relacionada a um feito, considerada relevante pelo indivíduo. Walter Benjamin nos fala, que a necessidade da informação momentânea, faz com que haja uma entrega dessas memórias a outra pessoa¹⁴.

Durante as entrevistas, fez-se em grande parte o que é chamado na História Oral de “história de vida” dando certa liberdade ao entrevistado. Tivemos como ponto de partida, sua inserção nas práticas roqueiras. Essa tipologia da História Oral objetiva constituir uma trajetória de vida dos que estão sendo entrevistados. Percebemos que no momento em que as pessoas se introduziram no universo Rock, elas assumem uma nova identidade, como se construíssem uma nova vida além de suas casas e famílias. Fato que é reforçado por terem sido escolhidos para essa pesquisa pessoas que ainda hoje

10 POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, P. 3-15. P. 5.

11 Ibid, P. 10.

12 PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Revista Tempo: Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 59-72. P. 4-5.

13 Ibid. P. 8-9.

14 BENJAMIN, Walter. *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Vol. 1, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221. P. 204.

participam da cena musical relacionada ao Rock e ao *Heavy Metal*¹⁵ na cidade de Parnaíba-PI.

Também foram utilizadas entrevistas de outras pesquisas relacionadas ao Rock em Parnaíba-PI. Além das entrevistas também foram colhidas imagens e recortes de jornais e zines¹⁶ veiculados entre a década de 1980 e 1990, cedidos pelos entrevistados, fazendo com que suas falas ganhassem uma ilustração material. Como uma das fontes, usamos algumas matérias do Jornal Inovação, pois este teve circulação entre as décadas de 1970 e 1980, tendo em algumas edições matérias relacionadas ao Rock parnaibano e piauiense da época.

Lidamos aqui com memórias de roqueiros que viveram experiências de uma juventude estigmatizada como transgressora dos padrões morais e sociais. Uma memória coletiva, que algumas vezes convergia para o mesmo ponto. Com isso é interessante à experiência multidisciplinar que acontece na História Oral, pois sem ela teríamos algumas dificuldades de fazer relações entre sujeitos.

Usamos aqui como dimensão histórica a História Social da Cultura, trazendo no decorrer do texto conceitos consolidados como: sociabilidade; experiência; sujeitos sociais. Como área de atuação a História Regional, pois o trabalho está centrado nas práticas culturais e sociais ligadas a grupos e práticas relacionadas à arte, que se estabeleceram na sociedade parnaibana, trazendo em si características da cultura popular local, essenciais para construção do Rock, enquanto música e comportamento. Com isso esse trabalho se estabelece nos domínios historiográficos da História do Rock, domínio ainda em processo de consolidação na historiografia, sendo balizado nas dimensões do social e cultural.

Tenho como objetivo nesse trabalho reconstruir memórias silenciadas, problematizando a constituição de uma cultura juvenil alternativa, enfatizando conflitos e solidariedades entre os sujeitos, perpetrando a quebra de preconceitos e estereótipos fortalecidos pela sociedade até os dias atuais. Ao negociarmos global versus local, baseados nas influências da indústria cultural, ampliamos o debate historiográfico e os estudos voltados para a cultura e a sociedade brasileira.

No primeiro capítulo deste trabalho, exploraremos a (contra)cultura gerada pelo Rock e posteriormente suas implicações na indústria cultural. Discutiremos as transformações da historiografia, que possibilitaram os estudos relacionados ao Rock,

¹⁵ Em inglês significa: “Metal pesado”. Estilo musical surgido na Inglaterra no final dos anos de 1960. Resume-se a blues superamplificado, com temáticas e sonoridades aflitivas e tenebrosas. O crédito da fundação desse estilo é colocado na tríade inglesa: Black Sabbath; Deep Purple e Led Zeppelin.

¹⁶ Vem do inglês *magazine*, que significa revista. São pequenos jornais muito utilizados na divulgação de notícias, bandas e eventos, usados por apreciadores do Rock e Metal, para divulgação da sua “cena” em outras localidades.

mostrando também a historiografia do Rock parnaibano. Analisando brevemente os trabalhos já produzidos nessa temática.

No segundo capítulo discutirei as relações da juventude com a sociedade, mostrando como se dá sua composição social e cultural na “cena” Rock/Metal de Parnaíba-PI. Neste capítulo será falada a importância das mídias (rádio, televisão, jornais, revistas), na propagação do Rock na cidade de Parnaíba, observando a visão da sociedade sobre essa nova prática que vinha tomando força no Brasil e em Parnaíba-PI.

No terceiro capítulo, darei alguns exemplos de bandas que movimentaram o cenário cultural roqueiro na cidade de Parnaíba-PI, mostrando assim variados estilos do Rock, lugares de sociabilidade e conflitos gerados pela experiência social dos sujeitos, mostrando bandas, shows e festivais a partir dos relatos orais de personagens que participaram desse período.

No quarto capítulo, abordarei as apresentações de bandas de Rock na cidade de Parnaíba-PI, mostrando as memórias e possibilidades criadas com os primeiros contatos ativos com produção e participação em apresentações desse tipo. Abordarei também alguns shows e festivais ocorridos na região de Parnaíba-PI, mostrando o que foi permitido aos participantes a partir de premiações e da maior divulgação de seus trabalhos no âmbito musical por meio desses eventos.

CAPÍTULO 01

MÚSICA PARA ACORDAR

Acho que estou ficando louco, mas enfim, enquanto estiver aproveitando, tudo bem. (Ozzy Osbourne, 1972)

Após a Segunda Guerra Mundial, houve um grande crescimento populacional chamado de “*Baby Boom*”¹⁷, fazendo com que as décadas de 1960 e 1970 tivessem um número significativo de jovens, faixa etária importante para a crescente expansão do consumo. Após esse crescimento populacional, já na metade da década de 1950, a população jovem se constituía de um mercado consumidor com proporções razoáveis. Nasce o *Rock and Roll*¹⁸, sobre a criação desse novo estilo Mugnaini Jr diz:

O rock'n roll é produto típico dos EUA, país que valoriza a praticidade e o pragmatismo. Tal como Roma antiga, os EUA sempre foram habilidosos em imitar, reproduzir, reciclar e divulgar mundialmente a cultura do mundo todo – especialmente após duas grandes guerras mundiais, quando o governo norte-americano teve a ideia da “política da boa vizinhança” é mais sutil, conquistar pelas ideias que pelas armas¹⁹.

Constituído de uma mistura de ritmos estadunidenses, o *Rock and Roll* obteve uma característica que marcou o seu começo, eram ritmos de brancos, pobres e negros em um mesmo estilo musical. Para a época e lugar, causaria um desconforto em um país onde as diferenças raciais ainda predominavam na população.

O *Rock and Roll* no seu início vem como uma cultura marginalizada. A cultura pode ser entendida como uma tradição estabelecida por um grupo, referindo-se às práticas relacionadas aos processos técnicos, heranças de ideias, hábitos e valores, sendo o que constitui um homem como membro de alguma sociedade²⁰. Porém a cultura não somente se limita a reproduções de padrões culturais, sendo ela dinâmica, propiciando transformações sociais.

Temos uma das raízes do rock na música negra dos EUA: o *Blues*. Com a migração negra nos anos de Depressão e da Segunda Guerra Mundial essa população começou a se instalar nos grandes centros urbanos, criando várias comunidades afro-americanas ao final da guerra, em 1945. Esse *Blues Urbano* foi fonte de inspiração para grandes guitarristas como Eric Clapton, Jimi Hendrix²¹ e outros. De cultura

17 É uma definição genérica para crianças nascidas durante uma explosão populacional - Baby Boom em inglês, ou, em uma tradução livre significa “Explosão de Bebês”. Em geral se refere aos filhos da Segunda Guerra Mundial, já que logo após a guerra houve uma explosão populacional. Nascidos entre 1943 e 1964, hoje são indivíduos que foram jovens durante as décadas de 60 e 70 e acompanharam de perto as mudanças culturais e sociais dessas duas décadas.

18 É uma expressão que numa tradução literal significa: “Balançar e Rolar”, mas em si leva um duplo sentido, sendo assim uma expressão com conotação sexual, que se refere à quantidade de movimentos feitos pelo homem durante o ato sexual. Este termo era muito usado em letras de Blues já na década de 1920.

19 MUGNAINI JR, Ayrton. *Breve História do Rock*. São Paulo: Editora Claridade, 2007. P.10

20 BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. P.43

21 Eric Clapton é um guitarrista e cantor inglês, em atividade desde 1962, integrou algumas bandas sendo elas: Yardbirds, Bluesbreakers, Cream, Blind Faith. Em 1970 lançou seu primeiro trabalho solo, nessa

marginalizada, o Rock começou a tomar um caráter de contracultura.

1.1 Primeiros Acordes: Rock, Indústria Cultural e Contracultura.

Nos anos de 1950, a maioria das músicas rock tinha temas juvenis, como conflitos amorosos, namoros e a vida adolescente sem regras. Nos anos de 1960, devido ao contexto de guerra e de lutas pelos direitos civis dos negros, que os EUA estavam vivendo, as temáticas das músicas rock começam a mudar, inserido temas que levassem a uma reflexão política e às condições que a sociedade estadunidense vivia.

Temos no Rock a contracultura, que é constituída pela subversão à sociedade, seja física, ou seja, intelectual dos conceitos e paradigmas estabelecidos por ela²². Esse “espírito crítico”, antes adotado pelo *Rock and Roll*, não tinha críticas políticas diretas ao governo. A sua crítica vinha nos corpos daqueles que o faziam, por ser um estilo que, em suas batidas, inevitavelmente, leva seu espectador a sentir as vibrações sonoras, fazendo com que o dançar num sentido libertador aconteça²³, sendo um exemplo disso Elvis Presley:

Se não houver reação corpórea "quente", não há rock. É verdade que as cortes renascentistas também dançavam. E é por isso que eu digo "quentes": não pode haver regras, cenas determinadas, linhas do salão a cobrir, músculos tensos a esperar o próximo movimento. O rock precisa de liberdade física, o que ficou claro de Elvis (*The Pelvis*, lembram-se?)²⁴.

Com o Rock, surge toda uma cultura de contestação juvenil, usada para chocar os padrões morais da sociedade. A sociedade temia que sua influência sobre os jovens, com sua dança “rebolativa”, fizesse a juventude subversiva. O rock funcionou como um modo de estabelecer uma inversão psicológica na juventude branca. Essa inversão psicológica era fazer com que o “jovem branco”, viesse a ter valores da comunidade negra que era considerada inferior. Essa juventude se tornou oprimida diante dos valores dos seus pais por isso, tomavam para si valores da cultura negra.

época já havia nos muros de Londres frases do tipo: “Clapton is God”(Clapton é Deus). Jimi Hendrix é um guitarrista e cantor estadunidense, em atividade entre 1963 e 1970, ano em que morreu. Excelente guitarrista revolucionou técnicas, fazendo com que seja admirado por guitarristas até os dias atuais, é colocado como um dos precursores dos ritmos Heavy Metal e Hard Rock.

22 BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais da Juventude*. São Paulo: Moderna, 1990. P. 50.

23 CHACON, Paulo. *O Que é Rock*. 3. Ed, São Paulo: Brasiliense, 1983. P. 13.

24 Ibid. P. 12.

Mesmo tendo sido anexado à indústria cultural, através da produção industrial²⁵. O Rock ainda pode ser definido como um tipo de linguagem revolucionária. Dialogo com dois autores, Theodor Adorno e Herbert Marcuse, que discordam sobre o sentido que a arte pode ter. Adorno coloca que a arte tornou-se uma mercadoria e por conta dessa relação de troca e lucro de quem a obtêm, não consegue tomar uma posição de mudança na sociedade, pois ela serve aos interesses capitalistas. Marcuse nos coloca outro ponto de vista, onde as práticas artísticas levam em si à sensibilidade de uma “verdade” e que mesmo podendo ser comercializada, não perde esse caráter de transmissão de vida singular.

Na década de 1960, nos EUA, o Rock começa a ser veiculado não somente como uma agressão visual, como Elvis e a juventude transviada relatadas no cinema, mas também como uma contestação política no contexto de suas músicas. Marcuse afirmou que:

Quando assisti e participei de suas demonstrações contra a guerra do Vietnam, quando os ouvir cantar as canções de Bob Dylan, senti de algum modo, e isto é muito difícil de definir, que esta é na verdade a única linguagem revolucionária que hoje nos resta²⁶.

Herbet Marcuse, experiente filósofo alemão, sentiu o mesmo que vários jovens relatam, mesmo sabendo que esse é um relato como o próprio Marcuse fala, “romântico”²⁷, podemos perceber o poder revolucionário que o Rock traz em suas atitudes, sendo uma alternativa de contestação gerada por uma juventude marginalizada.

Em Parnaíba-PI podemos perceber esse espírito contestador do Rock, como o entrevistado Paulo “*Death*”²⁸ coloca, do não social. Essa contestação era refletida na sociedade em seu estilo de se vestir.

Nosso visual era bastante agressivo entendeu?! eu particularmente, eu gostava de usar muita roupa rasgada entendeu?! Jaqueta de couro e tal, bem... característico da coisa do estilo, entendeu?! Do não social entendeu?! Da coisa mesmo do *headbanger*, do punk mesmo sabe, agente incorporava isso mesmo

25 Essa produção abrange, além da música, setores como o lazer, esportes, cinema, imprensa (tanto a escrita como a falada), espetáculos públicos, literatura, música, moda, resumindo, a indústria cultural são produtos que caracterizam o estilo de vida do homem contemporâneo do meio urbano-industrial. CALDAS, Waldenyr. *O que todo cidadão precisa saber sobre cultura*. São Paulo: Global, 1986. P 83.

26 MARCUSE, Herbert. *A Arte na Sociedade Unidimensional*. In: LIMA, Luiz Costa (Org). *Teoria da Cultura de Massa*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, P. 245-256. P. 245.

27 Ibid. P. 245.

28 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013. Paulo Luís Gomes Veras, mais conhecido pelo seu nome artístico “Paulo *Death*” é artista plástico e guitarrista, ativo desde finais da década de 1980 está transitando dede lá, entre dois cenários musicais do meio Rock da cidade, sendo eles o Heavy Metal e o Pop Rock.

nas ideias e no visual entendeu?! Tanto eu como as outras pessoas que participavam desses grupos na época²⁹.

Nessa fala temos no aspecto visual, um choque corporal que aponta um “estilo” agregado de ideias. De forma mais agressiva, Mauro Júnior³⁰ descreve algumas práticas de contestação dos *headbangers* parnaibanos.

(...) até mesmo andar sujo e rasgado era uma ideologia pelo fato de ser uma coisa à parte mesmo, lutar contra o sistema não com uma atitude sem causa, mas sim como uma tentativa de mostrar para as pessoas que a vida não era só aquilo a que elas estavam condicionadas e presas³¹.

Temos aqui o corpo como mecanismo educador, usado para veiculação de sentimentos e ideias. Paulo “*Death*” coloca que ao começar a andar com o grupo de roqueiros de Parnaíba-PI, não necessariamente tinha uma ideologia, mas que esta foi construída a partir de sua maturidade nesse meio, portando um estilo de contestação visual às normalidades estabelecida pela sociedade. Paulo “*Death*” e Mauro Júnior constroem assim sua identidade roqueira a partir dos processos e relações com o novo meio social que experimentaram.

Atitudes contraculturais foram abraçadas por uma parte da juventude em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil, que se tornaria um terreno fértil para a construção de pensamentos subversivos de uma juventude insatisfeita. Essa fertilidade se deu nas condições individuais e coletivas que os indivíduos viviam inseridos. No caso de Parnaíba-PI, uma sociedade caracterizada por ter um padrão familiar e de religião católica que estabelece regras, e vários outros fatores, encontramos oposição na subjetividade de cada sujeito inserido nesse meio.

O *Rock and Roll* chega ao Brasil por meio do cinema na década de 1950, mais precisamente em 1955, com o filme “Sementes de Violência³²” que foi exibido no eixo Rio-São Paulo, um filme que mostra um drama juvenil que tinha como trilha sonora o *rock and roll*³³.

29 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

30 JÚNIOR, Mauro. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 22/04/2010. Mauro Júnior Rodrigues Souza é professor e músico, teve grande contribuição para o movimento rock parnaibano, transitando em varias vertentes do rock, sendo baterista, tocou em bandas de punk e na banda Rabiscos Urbanos uma das que tiveram maior repercussão na década de 1990, levando a ela como disse Teófilo Lima: “uma pegada Rock and Roll”.

31 JÚNIOR, Mauro. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 22/04/2010.

32 Filme estadunidense, filmado por Richard Brooks, baseado em um romance de Evan Hunter que tem como título original “The Blackboard Jungle”, que mostrava um drama juvenil que tinha como trilha sonora o Rock and Roll. No Brasil foi exibido com o nome Sementes de Violência, teve exibições no Brasil dentro do eixo Rio-São Paulo, na década de 1950.

33 PAVÃO, Albert. *Rock Brasileiro 1955-65: Trajetória, Personagens e Discografia*, São Paulo: EDICON,

O Brasil vivia um período chamado de “Anos Dourados”, Jucelino Kubitschek tinha como plano de metas do seu governo o desenvolvimento brasileiro: Slogan, “50 anos em 5” . Com esse plano de desenvolvimento, havia um incentivo à indústria estrangeira, com isso cresce o consumo, não somente no Brasil, mas em todo mundo. Os Estados Unidos da América buscavam perpetuar o seu estilo de vida, vendendo uma imagem: o *American Way of Life*³⁴. No Brasil os EUA tinham ajuda de empresas de Rádio e de Televisão³⁵.

Essa indústria do consumo via grande força no mercado jovem, o maior reflexo do poderio de compra da juventude foi refletido na indústria de discos³⁶. No Brasil a propaganda e o sistema de crediário aumentavam, estendendo o poder de consumo da juventude. Como uma das consequências temos a chegada do *rock and roll* na década de 1950, havendo registro da primeira gravação de *rock and roll* brasileiro³⁷.

Influenciados pelo *rock and roll* americano, que chegava ao Brasil pelo cinema, os jovens brasileiros começavam a imitar os personagens dos filmes, vestindo as mesmas roupas, anexando palavras em inglês a sua fala. Isso mostra que parte da juventude brasileira começava a se inserir em um sistema que tinha como base uma cultura estrangeira, mas que poderia se encaixar às condições do Brasil. Podendo haver semelhanças entre os conflitos da juventude, seja no âmbito social, seja no individual.

Os militares por mais de vinte anos, entre 1964 e 1985, governaram o Brasil dando início a novo período ditatorial no país. O rock da década de 1960 tem como protagonistas, bandas e artistas, da Jovem Guarda e Tropicália. Se a Jovem Guarda era o reflexo dos *Beatles* fase “iê-iê-iê”³⁸, a Tropicália era o reflexo dos *Beatles* na fase “Revolver³⁹”. O primeiro foi colocado pelos que aceitavam na arte apenas como forma de

1989. P. 21.

34 *American Way of Life* traduzindo significa “Modo de vida americano” que é relacionado ao “American Dream” que significa o sonho americano, que foi um período de consumo em massa da população estadunidense de produtos que antes eram de luxo e começam a se tornar mais acessíveis a grande população. Para ver essas transformações com mais detalhes ver o Capítulo “Os anos dourados” do livro *Era dos Extremos* do historiador Eric Hobsbawm (1995, P. 253-281).

35 TOTA, Antonio Pedro. *CULTURA E DOMINAÇÃO: RELAÇÕES CULTURAIS ENTRE BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS DURANTE A GUERRA FRIA*. In: *Perspectiva*, n. 27, São Paulo. 2005. P. 111-122. P. 119.

36 HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991* São Paulo, Cia das Letras, 1995. P. 321-322.

37 O Primeiro *rock and roll* feito por brasileiros é uma composição de Miguel Gustavo, com o título, “Rock and Roll em Copacabana” essa música foi gravada por Cauby Peixoto pela RCA em Janeiro de 1957, mas só foi lançada em Maio, ela conta uma história de um jovem que com outras pessoas na porta do cinema começava a dançar o novo ritmo, mostrando como era contagiante e dançante. (MOURA, 2013. P. 70)

38 Fase iê-iê-ê remete à música “She Loves You”, que tem como refrão “She loves you Yeah, yeah, yeah”, que fala de um drama amoroso adolescente, tema tratado correntemente nas composições da jovem guarda.

39 Disco de 1966 que é considerado como o grande marco da psicodelia e da contracultura, em que mostra um Beatles, maduro e ousado (DAPIEVI, 2004. P. 32,33)

protesto como despolitizado. Com a justificativa que em uma época de tanta repressão, ao invés de estarem protestando contra os abusos da ditadura, estavam cantando músicas que falavam de carros, garotas e festas, ostentando assim uma imagem dita “norte-americanizada”, numa época de tanta repressão. O segundo foi colocado por alguns como subversivo, mesmo assim ocorreram momentos em que foram estigmatizados.

A Tropicália até hoje é apontada como parâmetro para arte politizada em questões musicais, tendo uma significativa participação no Rock brasileiro. Uma de suas peças, Os Mutantes, aparece na capa do disco manifesto: “Tropicália ou *Panis et Circenses*”, mesmo não sendo um disco de rock tinha uma postura Rock em seus integrantes. Os Mutantes era uma banda de rock classificada como progressivo. Foi muito criticada pela juventude dita “politizada” por ser acusada de ceder ao espírito capitalista norte-americano⁴⁰.

A década de 1970 foi o período em que a ditadura mais reprimiu, após a instituição do AI-5⁴¹, forçou muitos artistas a saírem do país. Foram excluídos do país ícones como Raul Seixas, que defendia uma sociedade alternativa, fora dos padrões estabelecidos pelos governos e sociedade. Raul Seixas é colocado como o patriarca do BRock⁴². A partir do 7º FIC⁴³, Raul se tornaria uma referência para aqueles que insistiam em fazer Rock no Brasil. Nos anos de 1970 outros artistas fizeram sons marginais. Outro grupo foi o Secos & Molhados, que mesmo tendo pouco menos de três anos de duração, foi marcante no Rock brasileiro. Serviu de embrião para a década de 1980. Vemos que o rock brasileiro começou a se fortalecer na década de 70, período em que começa o processo de redemocratização do Brasil.

O Brasil no governo do general Geisel viveu um período de endividamento

40 Rock progressivo é um rock com pretensões de “obra de arte”, usa influências de música erudita, Jazz e ritmos regionais. Os maiores ícones desse estilo são Pink Floyd, Frank Zappa, Yes, Genesis, dentre outros. No Brasil algumas das principais bandas são: O Terço; Perfume Azul do Sol; Som nosso de cada dia; Terreno Baldio dentre outras.

41 O Ato institucional Numero 5 (AI5) foi instituído no Governo Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968 e perdurou até o Governo Geisel sendo extinto em 1978, ele concedia poderes plenos ao Presidente da República para dar recesso à Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e Câmaras de vereadores, sendo que o Presidente assumiria a função desses poderes. A determinação deste ato que afetou diretamente as artes foi a censura prévia para jornais, revistas, livros, peças de teatro e música.

42 Termo utilizado para definir o Rock Brasileiro produzido no final da década de 1970 e 1980. “*Brock: Era o reflexo retardado no Brasil menos da música do que da atitude do movimento punk anglo-americano: do-it-yourself, ainda que não saiba tocar, ainda que não saiba cantar, pois o rock não é virtuoso. Era um novo rock brasileiro, (...) falado em português claro das coisas comuns ao pessoal de sua própria geração: amor, ética, sexo, política, polaroides urbanos, dores de crescimento e maturação – mensagens transmitidas pelas brechas do processo de redemocratização. Era um corte proposital em relação à MPB, era a valorização da juventude nos anos 80. diz Renato Russo*” (DAPIEVI, 1995. P 195,196)

43 7º FIC: 7º Festival Internacional da Canção realizado em 1972.

econômico, mas diferentemente dos outros países na década de 1970, desenvolveu uma política de metas ambiciosas, mostrando para o mundo uma tranquilidade, que para o povo brasileiro não era palpável. Com isso, o Brasil começa a ser mostrado na comunidade internacional como a oitava potência mundial, fazendo com que acontecessem várias parcerias com outros países, mas a crise nacional viria a seguir, por exemplo, a “crise do petróleo” em 1973⁴⁴.

A partir do momento de Abertura Política, o Rock começa a ter mais força no país, começam a emergir grupos em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, estados que tiveram mais repercussão no cenário brasileiro. Formou-se assim a primeira divisão do BRock, como coloca Arthur Dapievi, em seu livro *BRock: O rock no Brasil dos anos 80*⁴⁵. Mas não podemos esquecer que não somente nesses grandes centros há emergência de bandas de rock. Paralelo a esses centros surgem divisões de base do BRock, em várias outras localidades do Brasil, como em estados do Nordeste e Norte do país.

Temos como um dos marcos do avanço do rock brasileiro o festival chamado *Rock in Rio*, que aconteceu no ano de 1985, considerado um dos maiores festivais do mundo. As principais bandas do cenário Rock/Metal mundial se apresentaram nesse festival, nomes como os dos alemães do *Scorpions*, dos ingleses do *Iron Maiden* e dos australianos do *AC/DC*, bandas que estavam no auge de suas carreiras e que antes nunca estiveram no Brasil.

Esse festival levou bandas do cenário nacional para abrir os shows dessas grandes bandas. Entre as que abriram esses shows, temos o Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso, dentre outros. Após o *Rock in Rio* 1985, começa a emergir bandas em várias localidades do Brasil, dos mais variados estilos de rock. Assim houve um fortalecimento do *Heavy Metal* brasileiro que começava a ter força em Minas Gerais, com bandas que são referências mundiais, como o Sepultura e Sarcófago.

A exposição midiática do rock no final da década de 1980 e começo de 1990, fez com que temas políticos tivessem menos repercussão. Nas palavras de Mauro Júnior:

Dos anos 90 pra cá a contestação acabou dando espaço para o capitalismo, o que é até uma contradição para nós que incorporamos valores da contracultura.

⁴⁴ Há uma vasta historiografia sobre o período ditatorial brasileiro, sendo alguns autores principais: Aarão Reis; Marco Villa; Elio Gaspari; Ronaldo Couto, dentre outros. A importância da ditadura civil-militar brasileira para esse trabalho se dá na consolidação e ampliação do Rock brasileiro nos “anos de chumbo”. Não nos aprofundamos nessa temática, pois o objetivo desse trabalho é mostrar o Rock/Metal ocorrido na década de 1980 e 1990. Para uma melhor explanação na temática: rock na ditadura civil-militar. Temos: SAGGIORATO, Alexandre. *Anos de chumbo: rock e repressão durante o AI-5*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

⁴⁵ DAPIEVE, Arthur. *Brock: O rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

Então, dos anos 90 pra cá virou mais uma coisa comercial, não existe mais tanto a atitude de se opor ao sistema⁴⁶.

Com esse cenário de crescimento comercial e de menos contestação, como se vê na opinião de Mauro Júnior, ocorre o surgimento de várias bandas e de novos admiradores em todas as camadas sociais a partir da década de 1990. Por conta desses novos admiradores, de classes altas da sociedade, essas bandas compostas por filhos de empresários e políticos, conseguem se inserir mais ativamente na indústria fonográfica, buscando seu “lugar ao sol” no mundo midiático, fazendo com que tenham mais cuidados em tratar de temas agressivos, para manter sua imagem na mídia e vender mais discos, ampliando assim a aceitação na sociedade, mesmo que não inteiramente.

1.2 Farejando: Historiografia do Rock de Parnaíba-PI

Os estudos sobre o Rock começaram a se difundir a partir do momento em que a historiografia começou a buscar interdisciplinaridade e a História começa, mais fortemente, se aproximar de outras ciências humanas.

O fazer histórico não está na construção de uma narrativa sobre fatos que se tornaram "marcos relevante da história", expondo datas e menções de fatos dignos de crédito. Pois a história é fabricada com ajuda de hipóteses e conjecturas, através de um trabalho delicado, decompondo-se num complexo enredo. Fazendo nascer novos conhecimentos.⁴⁷ Pois o homem não conserva o seu passado na memória e sim o constrói a partir de suas experiências, pois ele vive uma constante mutação de memórias, com as novas experiências advindas da comunidade.⁴⁸

Toda forma de produção do conhecimento isoladamente, significa somente um fragmento, fazendo com que alianças com outras disciplinas sejam indispensáveis, para um entendimento do conjunto, fazendo com que haja um núcleo de trocas.⁴⁹ Não podemos esquecer que a especificidade do trabalho histórico e de suas ferramentas particulares, que caracterizam suas escolhas temáticas em relação às outras áreas do conhecimento. Devemos levar em consideração que.

A história no entanto, não se pode duvidar disso, tem seus gozos estéticos próprios, que não se parecem com os de nenhuma outra disciplina. É que o espetáculo das atividades humanas, que forma seu objeto específico, é, mais

46 JÚNIOR, Mauro. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 22/04/2010.

47 FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989. P. 18-19.

48 Ibid. P. 25.

49 BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. P 50, 53-54.

que qualquer outro, feito para seduzir a imaginação dos homens.⁵⁰

Esse novo olhar histórico começa a se munir fortemente de outras áreas do conhecimento, na aplicação de novas abordagens como, por exemplo, os estudos dos pesquisadores da Escola dos *Annales*. José D'Assunção Barros fala sobre a ampliação dos “campos de aplicação” que:

No caso da História, é bem evidente a vertiginosa multiplicação de “campos históricos” a partir do século XX, dando origem a inúmeras modalidades como a História Econômica, História Cultural, Micro-História e tantas outras, ao lado de outras que já existiam nos séculos anteriores, como a História Política, História Militar ou a História da Igreja.⁵¹

Com essa transformação objetos que eram colocados como exclusivos de outras áreas começam a receber novos olhares dos historiadores. Temas que eram antes exclusivos de áreas como a Biologia, Filosofia, Artes ou Antropologia. Essas diversas áreas do conhecimento evidenciadas pelos *Annales*, foram anexados ao quebra-cabeça dos historiadores, conceitos que fortaleceram a escrita e o seu entendimento, através de estudos mais aprofundados sobre cotidiano, mentalidades, cultura e modos da vida privada, assim como várias outras linhas de pesquisa. Essa reviravolta historiográfica fica mais evidente após a segunda metade do século XX. Um aspecto importante, a virada em direção à antropologia, denominada “antropologia histórica”. O valor da cultura na explicação da sociedade é percebido por historiadores de áreas como a econômica e a política.⁵²

Ampliações dos estudos culturais e sociais, assim como os fortes reflexos das transformações que a sociedade começa a viver após duas grandes guerras, afetaram diretamente as economias, modos de vida e pensamentos de grande parte da população mundial. Assim como o Jazz descrito por Hobsbawm⁵³ o Rock é um movimento artístico de influência na sociedade. O Rock/Metal tem como influências fatores externos e internos a ele como: economia, política, religião, ideologias, modos de agir de seus praticantes, dentre outros fatores, que munem o processo de criação de suas músicas. Com isso ele influencia nos costumes dos apreciadores, assim como o jazz dentre 1880 e

50 Ibid. P. 44.

51 BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História: Princípios e Fundamentos*. 2.Ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 27.

52 BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. P. 44-46.

53 HOBSBAWM, Eric. J. *História Social do jazz*. Editora Paz e Terra, 6ª Ed.; 2008.

1970, o rock é um dos estilos de música mais ouvidos no mundo ocidental desde a década de 1980.

Criaram-se novos grupos e novas formas de expressões artístico-culturais, assim também como uma extensão do consumo de vários setores da sociedade. Vemos assim que as práticas urbanas de indivíduos e grupos aparecem com importância para as análises científicas. Com maior ênfase nos anos de 1980, esses estudos começam a ter mais visibilidade no Brasil a partir do contato com a produção historiográfica inglesa e francesa.

O rock brasileiro começou a ter um grande espaço na indústria fonográfica nacional chegando a números grandiosos, levando artistas para o meio televisivo e também fazendo com que eles atraíssem vários seguidores por todo o país. A relevância do Rock para as transformações da sociedade começou a ficar mais evidente, não podendo mais ser colocado de lado pelos estudos da Cultura e da História. Foi reconhecido como uma prática artística comportamental que poderia levar a transformações e mudar um mundo em catástrofe.⁵⁴

As primeiras produções sobre Rock brasileiro foram lançadas por jornalistas, abrindo assim as portas para outros estudos sobre o tema. Durante muitos anos essas produções foram dominadas por estudiosos da área do Jornalismo, cujas contribuições não se pode denegrir, pois até hoje servem de bases, para novos trabalhos que surgem com foco na pesquisa histórica.

Começam a surgir estudos de grande importância para o entendimento das práticas juvenis no Brasil, no sentido musical e comportamental. Esse crescimento levou à organização, na segunda metade de 2013, do I Congresso Internacional de Estudos Sobre o Rock, do qual participaram pesquisadores brasileiros, assim como participantes de outros países da América latina. Pode ser percebida a pluralidade dos estudos sobre o Rock em diversas áreas, como: Turismo, Antropologia, Psicologia, História e várias outras.⁵⁵

Em Parnaíba existem estudos sobre o Rock. Estes trabalhos citados

54 MARCUSE, Herbert. *A Arte na Sociedade Unidimensional*. In: LIMA, Luiz Costa (Org). Teoria da Cultura de Massa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pg. 245-256.

55 O I Congresso Internacional de Estudos Sobre o Rock foi realizado em Cascavel – Paraná, nos dias 25, 26, 27 de setembro de 2013 na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Foi organizado pelo Colegiado de Pedagogia e Mestrado em Educação/ Campus de Cascavel da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Teve como co-promoção a Facultad de Periodismo y Comunicación Social da Universidad Nacional de La Plata – Argentina. Foi apoiado por: Colegiado de Pedagogia/ Campus de Francisco Beltrão; Colegiado de Letras/ Campus de Cascavel; Programa de Pós-Graduação em Letras/Campus de Cascavel; Programa de Pós-Graduação em História/ Campus de Rondon, todos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

contribuem como referências. Porém, esta pesquisa, não tem como base somente a análise bibliográfica do Rock de Parnaíba, pois muitos dos personagens desse quebra cabeça estão vivos, levando a serem praticamente indispensáveis e inevitáveis bases da História Oral. Esses trabalhos são importantes para o conhecimento da temática, independente das abordagens empregadas.

Iremos enumerar alguns trabalhos que conseguiram dialogar com essa pesquisa. Numa pesquisa histórica sempre haverá brechas que futuramente serão preenchidas por outros pesquisadores, além de outros tipos de intervenções em fontes já trabalhadas anteriormente. A explanação de outros estudos, portanto, situa a especificidade que o presente trabalho tem em relação às outras produções sobre o Rock parnaibano.

Edilson dos Santos Monteiro inicia academicamente a História do Rock de Parnaíba com o trabalho intitulado de "Impactos da contracultura roqueira em Parnaíba⁵⁶". Neste trabalho é analisada a relação da contracultura com o Rock parnaibano. Ele faz uma análise conceitual do que seria a contracultura e a sua relação no âmbito global com o rock, fazendo abordagens teóricas da indústria cultural, contracultura e Rock. Este trabalho tem como recorte cronológico os primeiros contatos registrados com o Rock na cidade de Parnaíba, até o final da década de 1990. Pretende analisar as práticas cotidianas dos roqueiros parnaibanos, transformando-os em agentes históricos. O objetivo principal se constitui em mostrar os impactos e reflexos da contracultura roqueira em Parnaíba, ao entender que a cidade é um foco de reprodução da contracultura e do rock global.

Este trabalho tem a importância de trazer à tona a história do Rock de Parnaíba-PI. O Rock enquanto uma prática cultural foi usada em muitos momentos para contestação da sociedade. Foram realizadas entrevistas com participantes dessa contracultura, visando ao entendimento de como os ideais contraculturais foram assimilados e absorvidos pelos seus praticantes, além do entendimento dessas referências para suas práticas.

Nesse sentido, o trabalho de Edilson Monteiro tem em vista a importância que a contracultura e o Rock desempenharam nas últimas décadas do século XX em Parnaíba. Estudando o Rock, podemos compreender as metamorfoses comportamentais e as mentalidades de parte da juventude.

56 MONTEIRO, Edilson dos Santos. *Impactos da contracultura roqueira em Parnaíba*. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), 2010. (Monografia de História).

Este trabalho não focou a trajetória dos sujeitos enquanto indivíduos roqueiros na sociedade parnaibana, mas faz uma generalização, tentando empreender um pensamento coletivo dessas pessoas. Esse trabalho tem um pensamento diferente, pois buscamos identificar a trajetória individual de cada personagem alcançado pela pesquisa, para que a construção da cultura roqueira/headbanger fosse possível.

Thiago Campos Araújo em "A cultura Headbanger do litoral piauiense: o *Heavy Metal* parnaibano na primeira década dos anos 2000.⁵⁷". Este trabalho tem como objetivo falar das manifestações culturais que envolviam o universo do movimento cultural *headbanger*, na cidade de Parnaíba na primeira metade da década de 2000. Esse foi um período de grande atividade das bandas na cidade, com o favorecimento do poder público municipal. Assim, como na década de 1990, os produtores de show de Rock de Parnaíba começam a ter ajuda de custo para realização de shows e de festivais com premiações. Sendo que, o festival de principal repercussão, foi a "Tenda Rock", ocorridos na primeira metade dos anos 2000, narrado no trabalho de Araújo.

Este trabalho tem como metodologia a História Oral, por haver um favorecimento no acesso às informações, pois a escassez de documentos escritos ainda é grande nessa temática na cidade de Parnaíba. Mas devemos levar em consideração que este fator começa a ser desconstruído, haja vista a relevante quantidade de trabalhos que começam a ser produzidos, fazendo com que a temática Rock e Metal parnaibano se consolide. Neste estudo são feitas entrevistas com 12 pessoas de diferentes idades, que participam e participaram ativamente da "cena" headbanger da cidade.

Thiago Araújo interage com autores que mostram aproximação com a Antropologia, evidenciando a dependência que esse tema tem das várias ciências humanas. São mostrados aspectos da expansão do movimento Rock na cidade e sua configuração. Trabalhando conceitos próprios do *Heavy Metal*, Thiago Araújo faz com que este trabalho seja próprio para o entendimento das pessoas que não participam das práticas cotidianas headbangers. Assim surgem para novos praticantes dessa atividade cultural urbana que ganha a cada dia, novos adeptos de várias vertentes. Bandas que tiveram mais repercussão na primeira década dos anos 2000, algumas delas ainda em atividade, exemplificam a temáticas das composições e atitudes subversivas/alternativas dos participantes.

Este estudo torna-se relevante ainda, pois o que proponho adiante são

57 ARAÚJO, Thiago Campos. *A cultura headbanger do litoral piauiense: o Heavy Metal parnaibano na primeira década dos anos 2000*. Teresina: Faculdade Piauiense (FAP), 2012 (Monografia).

atividades do movimento Rock/Metal, que ocorreram nas décadas anteriores aos anos 2000. Mostramos assim as práticas no entorno dos shows e na composição de novas bandas na cidade de Parnaíba. Com isso podemos perceber o embrião dos acontecimentos ocorridos nas décadas posteriores, em relação à expansão cultural das práticas urbanas local no âmbito *underground*⁵⁸, dentre outros, mostrando os altos, os baixos e o legado para a geração atual.

Em “Acordes que transpassam: o grupo Apaches e suas influência na dinâmica cultural da cidade de Parnaíba-PI nos anos de 1968-1981⁵⁹”, João Carlos Araújo de Sousa procura investigar as práticas de consumo musical na cidade de Parnaíba no período entre 1968 e 1981, a partir de um conjunto musical chamado "Os Apaches". Conjunto de influências variadas, dentre elas a do rock, Esse conjunto musical tinha como objetivo se inserir nas camadas sociais de Parnaíba: ricas e pobres. A principal influência musical de Os Apaches era a Jovem Guarda, um tipo musical baseado no *rock and roll* americano. Levando em suas letras as mesmas temáticas: carros, namoros e fatos relacionados ao cotidiano jovem, ou seja, música baseada na ideia do "*American Way Life*". A Jovem Guarda tem uma grande força na década de 1960, transitando paralelamente aos Tropicalistas.

Esta monografia tem como base as tendências teóricas da Nova História Cultural. Este estudo considera a importância do conjunto musical “Os Apaches” por ter diluído as fronteiras entre os espaços culturais da cidade de Parnaíba.

“Os Apaches” é um conjunto musical criado por uma instituição privada voltada para os comerciários, o SESC. O objetivo principal da criação destes conjuntos, era oferecer meios de entretenimento para os comerciários parnaibanos. Alguns integrantes do grupo, Os Apaches tinham registro de associação em órgãos de política musical como a OMB⁶⁰, fato questionável na cultura Rock que busca a não associação a meios que possam delimitar fronteiras de atuação da cultura musical.

No entanto, essa pesquisa pode ser considerada como uma das peças do mosaico que constituem a Historiografia do Rock de Parnaíba, por conta da influência musical do conjunto "Os Apaches", assim como outros surgidos na mesma época. A música que envolvia grande parte da juventude brasileira a partir da segunda metade da década de 1950 tem influências diretas do *rock and roll* assim como de seus derivados.

58 Em sua tradução literal significa “subterrâneo”. No meio artístico designa expressões e ambientes artísticos que fogem dos padrões tradicionais e comerciais.

59 SOUSA, João Carlos Araújo de. *Acordes que transpassam: O grupo Apaches e suas influencias na dinâmica cultural da Cidade de Parnaíba-PI nos anos de 1968-1981*. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), 2013. (Monografia).

60 Ordem dos Músicos do Brasil.

Este trabalho não acompanha o entorno da banda, sendo ele cotidiano, trajetórias dos sujeitos enquanto indivíduos de uma sociedade com suas particularidades em relação ao nacional, não problematizando assim o cenário cultural local no qual estava estabelecido “Os Apaches”.

Diferentemente dos trabalhos apresentados anteriormente, esse visa explorar diretamente as práticas culturais dos roqueiros/*headbangers* de Parnaíba-PI, não fixando somente nas bandas, apresentações, ou numa visão de contestação, mas por todo o envolvimento das práticas relacionadas ao Rock/Metal. Mostrando assim a perpetuação de alguns personagens na memória dos roqueiros/*headbangers*, fazendo com que algumas práticas posteriores sofressem influências de poderes públicos e privados, constituindo o que conhecemos na atualidade nas cenas *underground* e do grupo de bandas, veiculadas a poderes públicos, sendo financiadas pela prefeitura e governo estadual para tocarem em eventos sem relação com o Rock.

CAPÍTULO 2

DISSIDENTES DO MUNDO

Enquanto houver garotos chateados, o heavy metal continuará existindo. (Ozzy Osbourne, sem data).

Uma parte da juventude buscou, desde a década de 1950, com o Rock a quebra de paradigmas, sejam sociais, sejam culturais. Com isso se formam grupos que reivindicavam variados temas, locais e globais. Essas vontades emergiam das condições de transformações que o mundo capitalista estava vivendo.

Na década de 1980 e início da de 1990, o mundo capitalista viu-se novamente às voltas com problemas da época do entreguerras que a Era de Ouro parecia ter eliminado: desemprego em massa, depressões cíclicas severas, contraposição cada vez mais espetacular de mendigos sem teto a luxo abundante, em meio a rendas limitadas de Estado e despesas ilimitadas de Estado.⁶¹

61 HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991* São Paulo, Cia das Letras, 1995. P. 19

Isso tudo refletiu diretamente nas formas de pensamento desses grupos e na vontade de quebra geracional. Eric Hobsbawm fala das transformações que começam a ficar evidentes na sociedade sendo “a terceira transformação em certos aspectos a mais perturbadora, é a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, e com ela, aliás, a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente”⁶². O Rock conseguiu efetivamente quebrar esses elos geracionais, pois consegue unir pessoas que coincidem com pensamentos similares. Nisso começam a se formar grupos urbanos, que têm na cultura musical, uma identidade que os separa intencionalmente de outras camadas sociais:

A experiência musical é o espaço de um exercício de “liberdade” criativa e de comportamento, ao mesmo tempo em que se busca a “autenticidade” das formas culturais e musicais, categorias importantes para entender a rebelião de setores jovens⁶³.

Em Parnaíba começaram a ser criados grupos de admiradores do Rock e de suas variadas vertentes, como o *Heavy Metal* e Punk. Esses participantes começavam a ouvir rock por influências dos amigos, ou até mesmo da família, pois bandas de rock como, *The Beatles* e *The Rolling Stones* se tornaram mundialmente conhecidas. Esse processo de adesão também acontecia, algumas vezes, de forma autônoma, com isso esses jovens chegavam de alguma forma ao Rock, apaixonando-se pelo estilo. Muitos o adotam mesmo que momentaneamente como um estilo de vida. Podemos perceber que a partir do maior contato com o universo roqueiro, vão sendo assimiladas ideias que começam a constituir o novo personagem, mudando, em alguns casos, drasticamente a personalidade do jovem.

Paulo “*Death*”, conta as suas primeiras experiências com o Rock e nos mostra como se dá essa transformação do indivíduo a partir desses contatos no período de adolescência. Temos a importância desses grupos para constituição cultural e social dos jovens:

Olha foi uma coisa, como é que diria!? Até espontânea porque na época já existia um grupo, né!? Dá galera que se reuniam pra ouvir som e tal, entendeu!? Rock propriamente, entendeu!? E eu era amigo de um dois desses que participava desse grupo que se reunia, como eu falei, e aí eu fui me aproximando, eu era um meninão, tinha 16, 17 anos, entendeu!? Fui me aproximando é.. com muita ingenuidade até, mas aí eu fui me aprofundando

62 Ibid. P. 24

63 NAPOLITANO, Marcos. *História & Música*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 13

nessa coisa do rock , eu fui criando uma certa ideologia dentro desse universo do rock, entendeu?! E fui crescendo dentro mesmo dessa coisa roqueira mesmo, tanto é que eu to até aqui até hoje, é né!? Lutando por essa causa, que é o rock, entendeu?!⁶⁴

Vemos que as diferenças musicais⁶⁵ conseguiam coexistir, não sendo um fator que separava do convívio de indivíduos ou que houvesse agressões físicas graves entre eles, na fala de Paulo Bastos⁶⁶ percebemos isso:

Sim havia uma união entre as tribos urbanas em Parnaíba. Havia um grupo punk, havia um grupo que gostava de *heavy metal*, mas não havia muita rivalidade. Havia sim a preferência por determinada corrente musical. Mas assim, intrigas, brigas, isso não havia não. Havia um consenso geral em prol de um rock voltado pra cidade de Parnaíba.⁶⁷

Esse consenso que Paulo Bastos coloca não pode ser entendido como uma total aceitação entre os indivíduos. Poderia haver sim, “respeito”, entre os participantes das vertentes existentes. Mesmo o entrevistado falando que não havia registros de agressões, acontecimentos desse tipo provavelmente ocorriam, pois vemos que ocorreram nas décadas posteriores, acontecimentos violentos entre tribos urbanas diferentes na cidade de Parnaíba-PI.

José Guilherme Cantor Magnani define bem o que seria “Tribos Urbanas”, esclarecendo de início que esse termo não é um conceito e sim uma metáfora. Pois ela vem do conceito de tribo indígena. Trazendo ao Rock parnaibano, vemos que o uso desse termo é bem colocado, quando falamos de Rock, pois para Magnani:

Um primeiro significado, mais geral, de *tribo urbana*, tem como referente determinada escala que serve para designar uma tendência oposta ao

64 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

65 O Rock and Roll ao passar das décadas, foi se transformando, anexando às suas práticas musicais e comportamentais algumas características, com isso foram surgindo vários novos termos, podemos destacar o surgimento na década de 1960 o Folk Rock, de onde temos como exemplo maior Bob Dylan. Na mesma década tem o surgimento do Rock Psicodélico, onde era procurado levar ao público o efeito de drogas como o LCD e maconha. Para obter esse resultado eram usadas distorções nas guitarras, teclado e escalas hindus, temos como exemplo o grupo Greatful Dead. Com todas essas transformações surge um novo termo o Heavy Metal, com temáticas aflitivas e tenebrosas, resumindo-se a um blues superamplificado, as suas origens são creditadas a Hendrix, Yardbirds, mas toma uma forma com a tríade inglesa: Black Sabbath, Led Zeppelin e Deep Purple. Uma maior explanação sobre uma grande quantidade dos estilos de rock pode ser visto em MUGNAINI JR, Ayrton. *Breve História do Rock*. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

66 BASTOS, Paulo. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010. Paulo Roberto Rocha Bastos atualmente é professor da rede pública de Parnaíba, produtor cultural e dono de uma das maiores lojas especializada em Rock do Piauí. Foi integrante de uma das primeiras bandas de *Heavy Metal* de Parnaíba-PI e um dos maiores colaboradores para o fortalecimento do movimento Rock/Metal da cidade, trazendo discos e reproduzindo nas reuniões.

67 BASTOS, Paulo. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010.

gigantismo das instituições e do Estado nas sociedades modernas: diante da impessoalidade e anonimato dessas últimas, *tribo* permitiria agrupar os iguais, possibilitando-lhes intensas convivências comuns, o estabelecimento de laços pessoais e lealdade, a criação de códigos de comunicação e comportamento particulares.⁶⁸

Outro participante do Rock parnaibano, coloca a falta de conflitos entre as tribos urbanas roqueiras, face às diferentes correntes musicais no cenário Rock parnaibano na década de 1990, mostrando outra visão das relações entre as “tribos”:

Não, eu não lembro não, sabe eu não lembro, acho que o conflito é mais bem diferente porque a moçada curtia todo mundo curtia o rock ou o rock mais pesado, alguns curtiam um rock mais leve, mais pop, mas na verdade, né eram outras linhas de rock muito diferente, mas tudo rock.⁶⁹

Vários fatores são importantes para constituir uma “cena” voltada para o rock, pois ela ainda sofre aversão das pessoas que não são adeptos de suas práticas. Alguns fatores importantes para essa construção são os grupos musicais, o surgimento de bandas e as mídias, todos esses fatores fazem interligação com o externo agregando novos indivíduos e fortalecendo os grupos socioculturais.

2.1 Odiamos o que é pra odiar: O fortalecimento do rock nacional e sua influência na juventude parnaibana.

Após começar no Brasil a abertura política, não se enxerga a abertura artística total, os órgãos de censura não acabaram, foram somente reformulados. A ditadura não era somente um feito de militares, mas também da sociedade conservadora, fazendo com que as práticas juvenis subversoras ainda estivessem sobre o crivo dos valores da família e dos bons costumes. Temos a “censura moral”, que afetou muitos artistas do meio roqueiro, como por exemplo, a banda Blitz que teve faixas riscadas por não ser permitida a reprodução de frases que contrariassem os valores da família. Outros artistas brasileiros também sofreram com essa censura, temos também, Raul Seixas, Secos & Molhados, dentre vários outros artistas.

Mesmo assim começa a se perceber uma maior tolerância em alguns assuntos, sendo que a sociedade, diferente do início da ditadura, não mais apoiava com tanta força

68 MAGNANI, J. G. C.. *Tribos Urbanas: Metáfora ou Categoria?* In: Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Ano 2, nº 2. São Paulo: Departamento de Antropologia, FFLCH/USP. 1992. P. 50.

69 LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013.

os meios repressivos. Com essa abertura é que se dá a maior visibilidade às informações relacionadas ao universo roqueiro, mesmo que algumas vezes chegassem distorcidas, como as que vinham em revistas estrangeiras⁷⁰ editadas para serem veiculadas no Brasil.

O processo de redemocratização brasileira aconteceu a partir do momento em que a sociedade civil começou a contestar o regime governamental imposto pela ditadura militar. Devemos sempre lembrar que esse regime só teve a sua consolidação no momento em que a sociedade civil apoiou os militares, num governo que se mostrava a favor da moral e dos bons costumes. Depois de um período longo que perdurou mais de 20 anos, essa sociedade começa a ir contra o sistema governamental militar, exigindo que o povo participasse da vida política nacional. Alfred Stepan nos dá um exemplo do que seria essa democracia que começa a ser desejada pela população. Democracia feita através da contestação aberta pelo poder do povo no governo, por meio de eleições, da supervisão e do controle do Estado a partir dos representantes escolhidos pelo povo.⁷¹

Os roqueiros parnaibanos sentiam na redemocratização, uma farsa na política brasileira e tentavam de alguma forma, levar à sociedade a uma reflexão em relação a esses acontecimentos de corrupção e perpetuação de poderes.

(...) a gente costumava usar frases do tipo, não era essa coisa “ah corrupção” agente falava mesmo da questão de desigualdade social, entendeu?! Que parece que na época era bem mais evidente, por conta de que as pessoas viviam mesmo numa embriaguez, sabe cara, muita gente, assim a gente vê hoje esses manifestos que tão rolando no Brasil a fora, mas na época a coisa era mais... como é que eu diria, era mais... sonolenta, as pessoas estavam dormindo.⁷²

Usavam de outras táticas que não fossem atitudes políticas das esquerdas formais, usando ativismos e intervenções diversas. Para levar esse despertar à sociedade civil eles também usavam panfletagem, que mostravam para a população seus ideais, tentando levar informações que a mídia tentava manipular, levando os menos atentos a uma nova concepção dos acontecimentos que ocorriam na sociedade brasileira.

Em 1985, podemos definir o “*Rock in Rio 1985*” como um marco na história do Rock brasileiro e na relação Rock e política no Brasil. Essa importância se mostra no fato de que esse evento foi um dos maiores festivais ocorridos no mundo.

70 Sobre as revistas voltadas para o público roqueiro no Brasil temos o trabalho: SALDANHA, Rafael. *Rock em revista: o jornalismo de rock no Brasil*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. (Projeto Experimental do curso de Comunicação Social)

71 STEPAN, Alfred C. *Os militares: da abertura à nova república*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P. 102.

72 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.



Figura 1: Foto do Público no Rock in Rio 1985. Idealizado pelo empresário Roberto Medina, o primeiro Rock in Rio aconteceu no Rio de Janeiro, no bairro de Jacarepaguá. Junto nasce a Cidade do Rock, uma área de 250 mil metros quadrados, construída especialmente para o festival e que seria doada ao município como uma área multifuncional para eventos. (foto em: http://cdn6.rockinrio.com/rio/wp-content/uploads/sites/2/2013/02/RIR_85_2.jpg?1c14f4 Último acesso: 24/06/2014)

Nessa foto vemos a dimensão desse evento, conseguindo reunir jovens de várias regiões do Brasil e até de outros países, pois havia atrações internacionais. Um parnaibano também compareceu a esse evento.

A lembrança desse evento permanece presente, por exemplo, na singela placa exposta na Metal Vídeo, loja especializada em artigos de rock, fundada por Paulo Bastos que esteve presente no Rio de Janeiro, em 1985, participando desse grandioso evento e ficando por dentro das novidades do mundo Heavy Metal que posteriormente ajudou a divulgar através da sua loja em Parnaíba.⁷³

Paulo Bastos saiu de Parnaíba-PI sozinho em direção ao *Rock in Rio 85*. Um jovem que saiu de sua casa numa cidade do litoral do Piauí, deslocando-se para o Rio de Janeiro, enfrentando dias de viagem. Isso mostra a grande atração e importância do evento para a juventude roqueira/*headbanger* brasileira.

A juventude que participou desse evento foi lembrada pelos que estavam concorrendo à presidência, naquele momento, Tancredo excluía essa juventude falando que não tinha apreço por ela, mas tendo do outro lado, o oportunismo de Sarney, falando

73 ARAÚJO, Thiago Campos. *A cultura headbanger do litoral piauiense: o Heavy Metal parnaibano na primeira década dos anos 2000*. Teresina: Faculdade Piauiense (FAP), 2012 (Monografia de História). P. 37.

que a juventude dele era a juventude do Rock.⁷⁴

Edmundo Barreiro e Pedro Só relacionam o colégio eleitoral e *Rock in Rio* do seguinte modo:

Não foi com “Hino nacional”, nem com “Coração de estudante”, nem “Canção da América”, nem “peixe vivo”, nem com alguma outra papagaiada nacionalista... No dia 15 de Janeiro, na Cidade do Rock, no Rio de Janeiro, as hostes metaleiras saudaram o resultado das eleições no Colégio Eleitoral cantando ao mais baixo estilo arquibancada: “Eu, eu, eu, Maluf se fodeu!!” Nenhuma alusão ao vencedor ou a algum aspecto positivo de fé no futuro. Àquela altura do campeonato, ou melhor, do festival, ninguém tinha ideia de que o Brasil estava entrando no mais longo período democrático de sua história.⁷⁵

Essa fala mostra a descrença que viria surgir nesse momento vindo a refletir diretamente nas atitudes e pensamentos dos roqueiros, expressas em suas letras e visual. Um brasileiro protagonista principal desse *Rock in Rio 1985*, pode ser lembrado como exemplo. Cazuza na última música de sua apresentação com a banda Barão Vermelho, no dia 15 de janeiro de 1985, fala ao final da música “Pro dia nascer feliz”, que amanhã será um dia novo para o Brasil. Considerado um recomeço, mas três anos depois, Cazuza já em carreira solo, no CD⁷⁶ “Ideologia”, expressa canções que mostram uma falta de esperança⁷⁷.

2.2 Um grito de contra-cultura: Política alternativa e Rock em Parnaíba-PI.

No Brasil as mídias alternativas foram muito importantes no período ditatorial, pois a partir delas dava-se um dos únicos meios de expressão de ideias críticas. Mesmo com medo de serem descobertos e mortos como muitos, lutaram através dessas linguagens. Em Parnaíba tivemos um jornal alternativo de repercussão, veiculado durante esse período de fim de ditadura e começo de redemocratização o “Jornal Inovação”. Esse jornal teve um papel na reivindicação social das camadas menos favorecidas da sociedade parnaibana, sendo idealizado pela juventude esquerdista da cidade, abordando temas que falavam desde a realidade das zonas rurais, até temas como o Rock. O estilo começa a ser

74 BARREIROS, Edmundo; SÓ, Pedro. *1985: o ano em que o Brasil recomeçou*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. P. 15.

75 Ibid. P. 15.

76 Compact Disc.

77 Como exemplo, temos a faixa que leva o mesmo nome do CD, no qual é cantado: “meus heróis morreram de overdose/ meus inimigos estão no poder”. Música: Ideologia. Letra e música: Frejat e Cazuza. Álbum: Ideologia (1988, Polygram).

abordado a partir das palavras de Danilo Melo⁷⁸, que começa a escrever algumas matérias.

Uma parte relevante dessas matérias escritas por Danilo Melo era dedicada ao movimento cultural juvenil que agitava a cidade, intitulado por alguns de “movimento Rock”. Com isso vemos os movimentos dos sujeitos e bandas de rock da cidade em prol de temas que eram reivindicados nacionalmente. Um movimento de fundamental importância para a população brasileira foi a manifestação em prol das Diretas Já que ocorreu em várias localidades do país. Em Parnaíba não foi diferente. Segundo uma matéria do “Jornal Inovação”, na edição número 49, em julho de 1984, a matéria de capa é:



Abaixo da foto há uma descrição que diz o seguinte:

78 Escreveu matérias para o jornal Inovação na década de 1980; Foi secretário de cultura nos primeiros anos da década de 1990 em Parnaíba. Hoje é secretário de educação de Tocantins, além de professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

5 mil pessoas sem faixas, cartazes, bandeiras, assistiram um programa diferente: O SHOW DAS DIRETAS. A alegria dos que subiam no palco improvisado da avenida Chagas Rodrigues, contrastava com a seriedade das pessoas que, durante três horas, ouviram músicas e pronunciamentos.⁷⁹

Não podemos generalizar, afirmando que somente roqueiros estavam nesse “showmício⁸⁰” nem definir ao certo quantos roqueiros estavam ouvindo os pronunciamentos ou as bandas que ali estavam tocando em prol das eleições diretas para presidente. Mas a juventude comparecia para dar a sua contribuição, Paulo “*Death*” fala que havia alguns integrantes do movimento Rock, que tinham uma preocupação com temas políticos, trazendo assim um sentido de vanguarda política roqueira e que, em alguns casos, o Rock pode servir como um tipo de educação política fora dos padrões tradicionais:

Olha veja bem é, eu citaria alguns nomes que tinha uma maior preocupação com essa causa política, com esse momento político da época né?! O Paulo, o próprio Danilo Melo que foi secretário de cultura, essas caras eles eram mais intelectualizados nesse sentido de acompanhar como andava o governo, o social da época entendeu?! A gente tinha a coisa mais da rebeldia, mas ai depois a gente também foi começando a se aproximar dessas... causas entendeu, de se preocupar mais com o que tava acontecendo no país, das desigualdades sociais da época, entendeu?! Tanto é que a gente é, eu lembro que rolou vários protestos também na época, entendeu?! Assim não foram, forma tímidos, mas rolava, de vez em quando a galera se reunia quando ia ter, por exemplo, eu lembro na época dos comícios tinha um grupo, inclusive o Paulo participou demais desse grupo, Danilo o próprio Joélson e eu cheguei também a ir em alguns, a gente levava faixas, de protesto mesmo, entendeu e tal.⁸¹

Mesmo não sabendo definir quais seriam esses lugares de protesto, Paulo “*Death*” coloca a preocupação política de alguns personagens fazendo com que acontecessem em alguns momentos agressões. Aconteceu, por exemplo, em uma visita de um conhecido político piauiense da época⁸², á prisão e agressão por parte dos seguranças, de um dos roqueiros/*headbanger* da cidade, por causa de sua camisa que tinha os dizeres: “Ordem e Regresso” fazendo relação à “Ordem e Progresso” da bandeira brasileira.

Haviam bandas que tinham em suas composições a temática política. A banda

79 EDITORIAL. 5 mil pelas diretas. In: Inovação, Parnaíba, nº 49, 1984. P 01

80 Comícios que tinha atrações musicais, essa prática foi costumeira até meados do anos 2000 até serem proibidos pela justiça eleitoral.

81 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

82 Paulo “*Death*” não soube precisar quem seria esse político.

de punk parnaibana Ódio Suicida tinha influencias do movimento punk de São Paulo, uma das suas maiores referências era a banda Ratos de Porão⁸³. Havia também em Parnaíba as bandas: Garotos da Estrada, Artéria, Zardos, dentre outras⁸⁴.

Na mesma edição do Jornal Inovação em que temos a foto do público em um “showmício” da campanha pelas Diretas Já em Parnaíba, encontramos uma matéria de página inteira, localizada na seção comportamento, com o título: “RAIMUNDO VIROU PUNK” escrita por Danilo de M. Souza. Nessa matéria podemos perceber que a juventude da cidade de Parnaíba não estava indiferente aos acontecimentos dos grandes centros nacionais.

Vê-se que mesmo sem os meios de comunicação que dispomos na atualidade, já se buscava entre essa juventude roqueira referência e conhecimento, pois diferentemente do que o imaginário popular tenta propagar, essa juventude não era totalmente despolitizada e/ou alienada.

Quando perguntado sobre como esse tipo de informação chegava à Parnaíba, Paulo “*Death*” respondeu da seguinte forma:

(...) esse material chegava sim ao nosso alcance, inclusive até pelo próprio Paulo Dark, que é um cara que tinha contato com muita gente de outros estados na época, pessoal do Rio-São Paulo que tinha ligação direto com essa coisa do movimento anarquista entendeu! E esse material ele era frequente, circulava nesse meio na época entendeu?! Próprio Danilo também, tinha muito anarquista, o Joelson também entendeu!?! Tinha demais isso aí com certeza.⁸⁵

Danilo Melo também rebate esse pensamento de roqueiro alienado⁸⁶. Ele, juntamente com outro amigo chamado de Nyx Roten, tinha um programa na rádio educadora denominado: “Rádio Rock'n'Roll que ia ao ar nos sábados às tardes, nessa matéria Danilo escreve:

Acham que somos alienados, que só falamos bobagens... mas se esquecem que, na abertura e no decorrer de cada apresentação tocamos em assuntos como pacifismo, ecologia, arte, cultura, contra-cultura, fome, miséria, etc. Longe da gente querer impor um ritmo a nossa comunidade, queremos apenas levar novidades do gênero para aqueles que gostam de rock.⁸⁷

83 As bandas The Exploited, Sex Pistols, Ramones, “Rattus” da Finlândia e as bandas brasileiras Ratos de Porão, Olho Seco, Cólera, são umas das maiores influencias do Punk produzido no Brasil, nos anos de 1980.

84 MONTEIRO, Edilson dos Santos. *Impactos da contracultura roqueira em Parnaíba*. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), 2010. (Monografia de História). P. 50.

85 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

86 MELO, Danilo. Rádio rock and roll. In: *Inovação*, Parnaíba, nº 51, 1985. P. 07

87 *Ibid.* P. 07

Nessa época os discos eram menos acessíveis para a população pobre, da qual grande parte dos roqueiros era componente, salvo alguns que ajudavam na compra e compartilhamento de discos, divulgando assim novas bandas entre os amigos. Assim temos os programas de rádio como grande canal de divulgação e apreciação dos amantes do Rock. Em Parnaíba esse foi um veículo importante, pois como vemos na matéria do Jornal Inovação, eram abordados os mais variados temas. Isso causava desconforto entre alguns, levando dessa forma a extinção de programas produzidos para o público Rock em Parnaíba. Essa insatisfação é expressa em um recorte de jornal ou zine, veiculado no final da década de 1980 e/ou início da década de 1990, onde está escrito:

Somos iguais! Temos preferências! Somos Distintos! Por isso digo: gosto é como pimenta, cada um sabe onde arde! Foi a bruta politicagem que acabou com os programas "Radio Rock'n'Roll" e "Heavy Metal Command". Despachados como cães sem dono.

Trabalhavam pelo amor a arte e divulgação das bandas e dos artistas de todo o universo. Além de não ganharem nada, tinha de sacrificar as noites de domingo, horário impróprio aos que tavam com aceitação total. Queremos a volta destes dois alternativos. Ponham de pé!⁸⁸

Na fala de Danilo Melo e no recorte de jornal ou zine, podemos ter uma visão de como eram as discussões e conversas da juventude roqueira parnaibana. Tratava-se de temas que procuram uma reflexão crítica da sociedade, fato que foi muito presente em décadas anteriores. Mais adiante na matéria de Danilo Melo temos outra acusação: a de está afastando a juventude dos ritmos brasileiros.

Podemos perceber essa acusação em períodos anteriores, como nas vaias a Caetano Veloso quando em uma de suas apresentações num Festival da Canção, usou uma banda *cover*⁸⁹ dos *The Beatles* Argentina, ao utilizar guitarra e contrabaixo na sua música. Nos Estados Unidos da América, essa acusação também foi feita contra Bob Dylan que começa a usar em suas músicas a guitarra, como Caetano, foi acusado de afastamento das origens musicais do seu país.

No mesmo Jornal Inovação, em outubro de 1985, há uma matéria questionando uma festa em homenagens aos *The Beatles* com o Título: “Por que Beatles

88 Não sabemos o autor nem a data do zine onde foi veiculada essa matérias, mas sua data aproximada é finais de anos de 1980 e início de 1990. Esse recorte foi disponibilizado por Paulo “Death” para a pesquisa.

89 Palavra do inglês que significa cobrir. Essa palavra na música significa tocar alguma música já gravada por outra banda, geralmente os “covers” tocados por uma banda, são músicas que influenciaram na sua trajetória, seja pessoal ou musical.

Forroever”

Vemos nessa charge uma representação dos Beatles em formato de banda de Forró, estilo musical apreciado por grande parte da população nordestina e colocado como característica cultural da região.

Ao escolher os Beatles para tema de festa numa cidade piauiense, não estamos revelando uma faceta do nosso subdesenvolvimento nem aceitando o eco do imperialismo de nações d’além-mar como poderiam supor alguns xenófobos. Assim o fazemos porque os Beatles, embora ingleses, foram o maior fenômeno musical do século XX e merecem o tributo da geração privilegiada que os pode "curtir" nas décadas sessenta e setenta. Por outro lado, somos nordestinos pela vida e pelo rubro sangue que corre em nossas veias. Nossas raízes estão no rumo for all- o forró.⁹⁰

Figura 3: Charge da banda inglesa *The Beatles* em formato de banda de forró, retirada da página 10 (INOVAÇÃO, Nº 55, 1985, P. 10.)



Caracterizando a banda inglesa desse modo, percebemos que essa charge exemplifica o que já foi dito anteriormente, sobre o receio da perda da identidade musical regional, pois essa hibridização musical descaracterizaria o forró. Pois a proposta do evento, intitulado “Beatles Forróever” era unir “*The Beatles*” fenômeno musical do século XX, com Luiz Gonzaga, Dominguinhos e Sivuca.

90 SEM AUTOR. Por que Beatles Forroever. In: Inovação, Parnaíba, nº 55, 1985. P. 10.

CAPÍTULO 03

ADRENALINA A MIL, NA CABEÇA DA RAPAZIADA.

Nixon: - Você se veste de forma bem provocante, não?

Elvis: - Sr. Presidente, o senhor tem um show para fazer e eu também.

(Parte da conversa entre o presidente dos EUA e o rei do Rock'n'roll durante seu encontro histórico em 1970)

O Rock, assim como outros estilos musicais, tem seus aspectos culturais apropriados pelo mercado, mas difere em alguns aspectos de outros estilos que priorizam essa comercialização. Podemos destacar como exemplos, o forró, o sertanejo, dentre outros, que como característica principal tem a comercialização e a industrialização de seu produto. Isso é evidente quando analisamos os bastidores desses dois estilos, no caso do forró, há um dono da banda, que em muitos casos não está entre os músicos, sendo estes apenas contratados; no caso do Sertanejo, algumas empresas direcionam o artista na

carreira musical, procurando descobrir “novos talentos”, já que muitos artistas são sucessos instantâneos.

As bandas, assim como os shows, festivais e apresentações de Rock e de estilos derivados deste levam como objetivos não somente a comercialização de uma imagem, ou uma industrialização de um produto no mercado fonográfico. Podemos destacar duas visões do mercado fonográfico dentro do Rock: uma visão voltada mais fortemente para a comercialização, ela é chamada de *Mainstrein*⁹¹; e a que se opõem chamada de *Underground*. A primeira é mais voltada para as bandas de estilos mais leves, como as de Rock e *Hard Rock* e a segunda é voltada para os estilos mais extremos que derivaram do *Heavy Metal*⁹².

Para muitos dos apreciadores de Rock/Metal esse estilo musical, não se dá somente em ouvir uma banda ou uma música, mas também perpassa no seu cotidiano, nas roupas e nas escolhas da vida. Principalmente nos estilos derivados do *Heavy Metal*, onde podemos destacar como exemplo o *Black Metal*⁹³, que nasce como uma forte ideologia, baseado em religiões pagãs, que tinham como opositoras os dogmas religiosos cristãos.

O Rock/Metal é levado como um estilo de vida por seus admiradores, que vestem camisas de suas bandas favoritas, roupas pretas, assim como os integrantes de suas bandas favoritas. Mas também levam para si alguma ideologia ou pensamento que a banda que ele mais gosta segue, sendo isso um fator de admiração e respeito, repercutindo assim diretamente na visão de mundo de seus adeptos. Não importa se esse fã mora em outro país e provavelmente nunca se encontre com o seu ídolo, ainda assim ele o segue religiosamente. Ocorre muitas vezes submissão aos padrões de consumo oferecidos pela indústria fonográfica, fator que impossibilita à emancipação do jovem, a partir do rock, portanto, há grande probabilidade de alienação do indivíduo.

Trazendo para o local desta pesquisa, uma cidade do nordeste, de um país na América Latina, que tem como característica racial a hibridização étnica, faz com que os

91 No âmbito da música significa o alcance que uma banda consegue na mídia, sendo o *mainstrein* termo para definição das bandas de grandes estruturas, como por exemplo: Iron Maiden, Kiss, Metallica, dentre outras bandas que conseguem lotações completas em estádios de futebol. O contrario desse termo é o *underground*.

92 Pode haver bandas de *Hard Rock* no *underground*, assim como bandas de *Thrash Metal* no *mainstrein*, temos como exemplo a banda estadunidense de thrash metal Metallica, que vende milhões de disco e tem show com ingressos caros.

93 Muitos atribuem o nascimento do termo Black Metal aos integrantes da banda Venon, que lançaram um álbum intitulado de “Black Metal” que fez do Venon o pioneiro em fazer críticas religiosas e abordar temas satanistas. Característica forte é o vocal “rasgado” e na sua maioria, as bandas fazem uso de Corpse-paint (pintura facial em forma de cadáver). Bandas que fizeram história no segmento foram Venon, Bathory, Mayhem, Burzum, Sarcófago (brasileira) entre outras. (ARAÚJO. 2012, P. 32)

biótipos do nordeste sejam de grande parte negra e indígena. Mesmo tendo cabelo encaracolado e negro, o jovem quer ter o cabelo liso e loiro, mostrando como a mídia pode influenciar diretamente em todas as camadas da sociedade.

3.1 Na parada musical do litoral: a formação do pop/rock parnaibano.

Formar uma banda com os amigos, seja para tocar as músicas favoritas dos integrantes, seja para compor músicas novas que levem claramente a influência de seus ídolos, tornou-se um sonho frequente entre muitos roqueiros. Algumas bandas de rock que conseguiram grande reconhecimento começaram assim, temos dois exemplos: o de Renato Russo, que durante um período de reclusão por conta de uma doença, ficava em seu quarto criando músicas e interpretando um personagem imaginário que ele mesmo criara; temos também Jim Morrison que antes de iniciar as atividades do *The Doors*, escrevia e cantava suas músicas, solitariamente, almejando ser um astro do rock. Esses exemplos colaboram para o surgimento de várias bandas com jovens de sonhos similares.

Em Parnaíba não foi diferente, mesmo tendo condições sociais diferente de outras cidades do sul do país, onde esses jovens tinham maiores facilidades para comprar instrumentos musicais, assim como importação de discos, tendo nisso uma facilidade para formar bandas. Essas desvantagens foram facilmente contornadas, pelo fato de Rock trazer como um de seus preceitos o sentido de amizade e ajuda mútua, onde mesmo não conhecendo a outra pessoa, mas se ela gostar da mesma banda ou de algo relacionado ao estilo, naquele momento quase sempre é criado um laço de amizade.

Como eram muitas vezes de famílias pobres, esses jovens parnaibanos emprestavam instrumentos entre si.

é essa... falta de dinheiro pra ser mais, mais direto, mais objetivo, realmente era... comum assim na boa parte da galera da época, né!? Agora tinha um ou outro né?! Que vinha de família mais abastada, como eu citei alguns nomes anteriormente, e essa galera de certa forma que ajudava o pessoal que não tinha condição de comprar uma guitarra, uma bateria por exemplo, entendeu!?⁹⁴

Esse auxílio vinha dos amigos, que ajudavam os que não tinham condição de comprar um instrumento musical que custava muito caro. Mas o fato de o Rock conseguir abraçar uma juventude, sem distinção de classes sociais, era uma alternativa para a falta

94 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

de recursos. Era comum esse esquema de empréstimo de instrumentos e equipamentos entre os grupos:

Sim, com certeza, inclusive é... eu poderia até citar alguns nomes, por exemplo, o próprio João Alberto era um cara que disponibilizava os instrumentos, quando agente ia ensaiar, aqui no... galpão que eu falei, que hoje é um museu né?! As vezes ele deixava lá uma guitarra pras outras bandas usarem, o Teófilo também foi um cara que me ajudou bastante no começo na época do *Delirium Tremens* mesmo, a gente tava começando mesmo, entendeu?! porque nessa época paralelo um pouco depois o Rabiscos Urbanos já estava começando suas atividades musicais né?! E ele já tinha uma estrutura maior por conta mesmo de poder aquisitivo e tal e eles faziam um som mais “acessível” mais “pop” né?! Era aquela coisa mais... voltada pra Legião e tal e era bem mais acessível do que os sons que agente praticava né?! Então essa galera ajudou demais assim, a mim pessoalmente, entendeu?! e acredito que há muitos outros assim né?! Mas tinha, realmente tinha essa coisa mesmo de ajudar, de emprestar, isso ai existia certamente.⁹⁵

Teófilo Lima⁹⁶, que já tinha uma melhor condição financeira naquela época, fez com que sua banda alcançasse de uma melhor estrutura de ensaio, disponibilizando alguns equipamentos, mesmo estando num extremo oposto do Rock na época, pois sua banda enveredava mais pelo lado “rock pop⁹⁷”, diferente de Paulo “*Death*” que preferia os caminhos do *Heavy Metal*. Sobre essa colaboração, Teófilo diz que sempre foi de colaborar e de abrir os espaços. Pois após o ensaio de sua banda, nas horas livres, ele deixava os equipamentos, já que segundo ele na época era mais difícil, todos conseguirem esses recursos.⁹⁸

Com isso havia uma interação entre as bandas, até no momento de dividir o palco como vemos no *flyer*⁹⁹ do “Curvã Rock Festival”:

95 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

96 LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013. Teófilo Lima é músico em atividade, onde tem em 2014 previsão de lançamento de seu terceiro CD solo, também é diretor da TV Delta, emissora televisiva local, afiliada a TV Antares no estado e nacionalmente a NBrasil.

97 Vem da palavra popular, no meio musical é colocado para bandas que conseguem uma maior aceitação de público e mídia.

98 LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013.

99 Em uma tradução literal significa voador. São mini-cartazes que são distribuídos geralmente em locais movimentados, fazendo com que haja uma divulgação rápida de um evento ou ideia.



Figura 4: Flyer do Curvão Rock Festival, ocorrido no dia 06/09/1991, onde podemos perceber bandas de heavy metal e rock. Fonte: Imagem disponibilizada por Paulo “Death” para esta pesquisa .

Neste *flyer* percebemos o apoio da secretaria municipal de cultura, mostrando o alcance do evento, fazendo com que a prefeitura buscasse inserir sua marca em locais frequentados pela juventude da cidade. Podemos ver bandas de vários estilos, Rabiscos Urbanos, banda essa integrada por Teófilo, que tinha um estilo com grandes influências do rock oitentista nacional, sendo uma de suas influências a banda Legião Urbana. Dividia o palco do evento, bandas derivadas do *Heavy Metal*, como a *Hell Hate*. Sobre essa “vivência harmoniosa entre as bandas”, o entrevistado afirma:

(...) sabe eu não lembro, acho que o conflito é mais, bem diferente porque a moçada curtia todo mundo curtia o rock ou o rock mais pesado, alguns curtiam um rock mais leve, mais pop, mas na verdade, né eram outras linhas de rock muito diferente, mas tudo rock, é mais complicado hoje né, que a moçada, diz que curte rock, mas também vai na balada do forró, do axé.¹⁰⁰

Teófilo Lima foi um dos fundadores da banda Rabiscos Urbanos, permanecendo até o encerramento de suas atividades. Após o término da banda, trilhou um caminho na carreira solo, onde até hoje permanece. Na formação original, contava também com seu irmão, Henrico Lima, no teclado e Marcelo Farias, no contrabaixo, sendo este um dos integrantes principais, por ser um dos fundadores da banda e principal compositor, ao lado de Teófilo.¹⁰¹

Teófilo lembra a primeira apresentação da banda Rabiscos Urbanos, que segundo ele teve uma boa receptividade do público. Como disse Paulo “*Death*”, a banda

100 LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013.

101 Também contaram no primeiro momento com Azevedo, sendo este um dos fundadores, mas que não chegou a tocar no primeiro show, como seu substituto, entrou Jesium, também estiveram nas guitarras, Bernado, Danilinho, Carvalho e Messias, este último um dos integrantes da banda Artéria, banda de influência punk/*hardcore*, mostrando a diversidade dos músicos roqueiros, em relação a outros estilos de rock. Na bateria estiveram João, chamado de “João Verme” e Mauro Júnior, conhecido como “Júnior *Voivod*”, que segundo Teófilo trouxe uma pegada mais *rock and roll* à banda (LIMA, 2013). Expressão usada por ele para exemplificar a agressividade musical que “*Voivod*” trouxe, pois levar uma pegada *rock and roll*, não quer dizer a falta dela na sonoridade da banda.

Rabiscos Urbanos tinha em suas músicas uma influência “Pop”, que é muito apreciado por um grande público¹⁰². Então Teófilo Lima fala do início de sua carreira musical do seguinte modo:

(...) comecei a dar umas canjas e como o pessoal ficava mais só em MPB eu chegava e cantava uns roquezinho, Legião, um Raul Seixas e tal, e ai o povo foi me conhecendo e tudo, e ai de repente eu me vi no meio de um negocio, junto com dois, três amigos, (...), nessa experiência da primeira banda, ai a gente fez uma apresentação nós três, e... dois meses depois , a gente fez a primeira apresentação oficial da banda Rabiscos Urbanos, foi no BNB¹⁰³ Club e já foi muito bom, tinha 500 pessoas e tal, dai foi uma banda que a gente tocava rock, o rock da... o rock pop da década de 80 tinha sido muito bom no Brasil e algumas coisas como U2 e algumas coisas assim de pop internacional, mas já nesse primeiro show a gente já fez, já tocou duas músicas autorais e de lá pra cá foram aumentando a quantidade.¹⁰⁴

Conseguimos perceber nessa fala a tentativa da profissionalização musical a partir do rock, fato que Teófilo Lima conseguiu, mostrando a possibilidade do rock se tornar um meio de vida, trazendo a profissionalização na localidade. O rock para esses jovens começa ser, além de um prazer, um negócio, no sentido econômico, que trará fonte de renda, podendo posteriormente se tornar a única fonte de sobrevivência.



Figura 5: Foto da banda Rabiscos Urbanos com o cantor Belchior. Essa foto foi tirada em decorrência de um show do cantor Belchior (sentado ao centro com cachimbo) em Parnaíba-PI nos anos de 1990. Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=323769281099285&set=t.100003883317339&type=3&src=https%3A%2F%2Fcontent-lga.xx.fbcdn.net%2Fphotos-ash3%2Ft1.0-9%2F1471907_323769281099285_981777802_n.jpg&size=680%2C480 (Ultimo acesso em: 24/06/2014)

Ainda anterior ao rock e a imagem acima, mostram a inserção da banda num cenário musical comercial, pois abriu um show considerado “grande”, fato que é

102 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

103 Banco do Nordeste do Brasil.

104 LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013.

almejado por todas as bandas, mas alcançado por poucas. A banda Rabiscos Urbanos chegou a gravar algumas músicas e lançar uma fita Demo¹⁰⁵. A banda teve entre quatro e cinco anos de duração, chegando a se apresentar em festivais promovidos pelo poder público e conseguiu fazer shows em Teresina. Como várias bandas, o Rabiscos Urbanos se separou porque os integrantes foram casando, conseguindo emprego e etc., já que a música em Parnaíba, naquele momento, não conseguia suprir as necessidades pessoais, pois os músicos começavam a se perceber adultos e a terem maiores responsabilidades.

Percebemos no cenário roqueiro parnaibano bandas de várias vertentes, como já havíamos ressaltado. Além do exemplo que já foi dado temos também a banda “*Outsider*” representando esse estilo de rock com “mais aceitação”, dentre todas as camadas sociais. Essa banda surgiu na década de 1990 e um de seus idealizadores era o já citado Paulo “*Death*”, mostrando assim a transição que esse participante teve nas várias camadas do rock/metal de Parnaíba-PI.

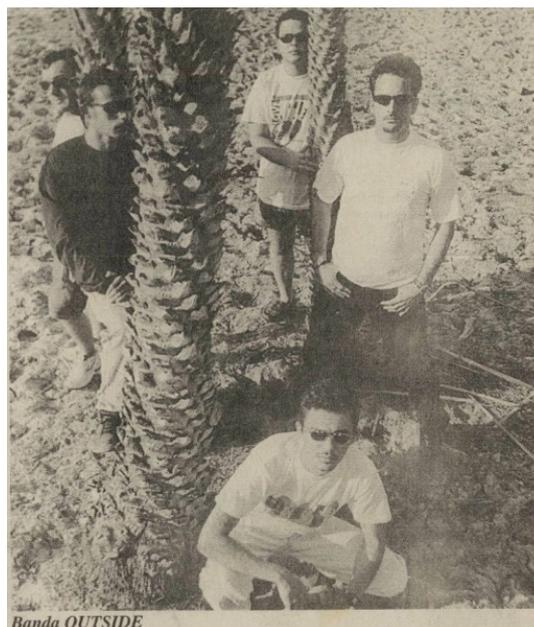
A banda *Outsider* surgiu em outubro de 1995. Em 1997 fez um show que pode ser considerado de grandes proporções locais, em comparação ao alcançado por outras bandas de rock da cidade na época. Apresentaram-se no Cine Teatro Delta, com uma estrutura de iluminação e som de qualidade. Qualidade essa que não era desfrutada por outras bandas, ou até mesmo pela *Outsider*. Pode-se creditar essa aceitação a linha de trabalho da banda, fato que é expresso por Paulo “*Death*”, ao falar da aquisição da sua segunda guitarra:

E aí eu lembro que eu fiquei com esse instrumento até mais ou menos noventa, noventa e pouco (ele está falando sobre sua primeira guitarra), porque aí foi a época que surgiu uma outra banda que era o “*Outsider*” né?! A gente fazia uma linha mais Pop, voltada pra U2, pra rock inglês, europeu, por aí entendeu?! E aí depois desse período foi que eu, é passei a... a gente começou a fazer mais shows, arrecadamos mais dinheiro e aí eu comprei uma outra guitarra¹⁰⁶

Nessa fala exemplificamos a aceitação de sua banda, fazendo com que passasse a fazer mais shows e conseguir arrecadar dinheiro o suficiente para comprar uma nova guitarra. Em seu repertório havia canções autorais, assim como músicas que estavam em alta na época, músicas essas de uma linha mais “*pop*”.

105 Abreviação de versão de demonstração, geralmente antes do lançamento uma banda lança uma demo, com no máximo cinco músicas que vão integrar a versão completa.

106 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.



Nessa imagem vemos que mesmo tendo características musicais de bandas do rock inglês da época, eles não dispensavam a relação regionalista, pois tiraram a foto num cenário característico da praia, com areia, carnaúbas, árvore típica da região, usando bermudas, cena típica das praias do litoral piauiense. Faziam nessa foto uma relação com Parnaíba-PI, cidade litorânea, e visualmente não fugiam das características regionais.

Nesta foto a formação era: Marcelo Brito (Vocal), Paulo Luis e Adriano (Guitarras), Paulo Aladir (Baixo) e Arthur Micholas (Bateria). Outra característica que devemos ressaltar nos nomes da formação, eles usavam seus próprios nomes de nascimento. Paulo Luís já era conhecido nessa época por Paulo “*Death*”. Bandas que tinham esse estilo *Pop* procuravam usar seus nomes verdadeiros, prática que não é muito bem vista em *intelecto*.
Figura 6: Foto de divulgação da banda Outsider em 1997, disponibilizada por Paulo “*Death*”. *Metall*.

3.2 Entre porcos e restos mortais: o *underground* do *Heavy Metal* de Parnaíba-PI.

Saindo do cenário *Pop* e indo para outra face do Rock de Parnaíba, falaremos de algumas bandas *underground* de vertentes do *Heavy Metal* e Punk, estilos musicais que têm maiores dificuldades de serem aceitos, não encontrando espaços na comercialização e industrialização de seu som.

Temos como exemplo desse cenário a banda “Inferno no Céu¹⁰⁷”, uma das bandas de maior repercussão no cenário musical parnaibano entre as décadas de 1980 e 1990, tendo tocado em vários festivais na região de Parnaíba, além de shows em outras cidades. A banda iniciou suas atividades em 1982, momento de efervescência do rock no Brasil, pois nesse início de década de 1980, surgiam bandas como Sarcófago, Sepultura, dentre outras da mesma natureza.

Em Parnaíba a banda Inferno no Céu veio com uma proposta completamente diferente, com os mesmo integrantes de sua banda genitora, trazendo agora um Rock engajado, com letras que falassem de situações cotidianas, contestando a sociedade, fato que foi sentido na cidade de ares provincianos que era Parnaíba.

A banda participou de vários eventos que marcaram musicalmente a cidade, como o show pelas Diretas, Festival Universitário, Verão Vadio, dentre outros, conseguiram romper as barreiras indo tocar em cidades como Teresina e Piri-piri. As suas letras eram consideradas como gritos da contracultura jovem. Em uma de suas composições gritavam: “Um raio do Subúrbio da periferia do interior/ que era uma turma elétrica que saiu na cidade e estrondou/ como uma new geração... Não se esquentaram com os préas de paletó/ Só queriam mesmo mostrar seus cadações e seus nós.”¹⁰⁸

Percebemos a inquietação jovem em relação à desigualdade social nos versos dessa canção, “Não se esquentaram com os préas de paletó”, fazendo alusão clara as pessoas da elite, que eles colocavam como perseguidoras da sua arte. Fato que é sempre colocado pelas bandas que decidem seguir pelo protesto em suas composições e atitudes. Tinham como influenciadoras de seu som, *Beatles*, Raul Seixas, Hendrix e Tropicália, mostrando o som contestador estrangeiro e o som contestador nacional, juntando essas duas características, criam o som contestador local.

107 Antes de ser Inferno no Céu, a banda tinha o nome de “Raio de Sol”, cantava músicas que tinham como tema principal a “exaltação à natureza”, como a música “Luz do Sol”, que ganhou o Festival Universitário Livre de 1983.

108 Canção retirada de um zine sem datação, mas veiculado provavelmente no final da década de 1980 e início da de 1990.



Figura 7: Banda inferno no Céu. Retirada de um recorte de jornal ou zine, onde no alto da Pagina está com o titulo ROCKANTE. Provavelmente editado em finais dos anos 1980.

Nessa foto há contestação em várias partes. Vemos contestação em seus corpos, estando cada um deles transgredindo o padrão, seja no cabelo *black power* ou por os dois estarem em cima das janelas quebradas de uma casa destruída, temos contestação em suas roupas rasgadas, adaptadas manualmente e faltando peças. Também percebemos no cenário da foto, uma casa de aparência abandonada, onde mostra a pobreza e o abandono do poder público em relação à população pobre. Mostrando assim algo “anárquico, suburbano e uma vontade de mudar o mundo”, palavras essas usadas na reportagem de onde foi tirada a foto.

Em finais de anos 1980 e começo de 1990, nasce em Parnaíba-PI a banda *Delirium Tremens*, que tinha como um de seus mentores Paulo “*Death*”, Arthur Nicolas e João Alberto. Essa banda nascia com uma proposta de fazer um som voltado para o *heavy metal*, mas isso inicialmente não foi possível como nos conta Paulo “*Death*”:

Eu tinha uma banda chamada “*Delirium Tremens*” na época e a gente fazia uma coisa meia, era é... querendo ser metal mas era mais punk mesmo entendeu!? Até por conta da deficiência técnica musical, a gente não tocava absolutamente nada, entendeu!? E o *Delirium Tremens* era mais punk mesmo, mas a gente já tinha a coisa, essa veia de querer se tornar uma banda rock de metal, entendeu!? Porém a deficiência técnica impedia isso e isso só foi

acontecer mais pra frente né!?(risos) mas nós éramos sim punks *Delirium Tremens* era punk... é... poderia ser considerada uma banda punk na verdade.¹⁰⁹

Essa deficiência musical não é incomum para o rock em geral, pois muitos jovens começaram a tocar algum instrumento, para imitar seu ídolo, mesmo não tendo nenhuma capacidade musical, insistiam e venciam essa barreira, por conta da força de vontade, fazendo com que as performances corporais, tivessem que fazer muita diferença, para a deficiência técnica ser contornada perante o público. A *Delirium Tremens* tinha uma proposta autoral, mas, como boa parte das bandas, tinham também suas músicas *covers*¹¹⁰ favoritas no repertório:

é trabalho autoral porém a gente fazia uns pequenos *covers*, é a gente tocava “Olho Seco” que é uma banda de punk tradicional de São Paulo, a gente tocava “Dorsal Atlantica” entendeu?! Que era daquele primeiro disco “Antes do Fim” que tinha umas letras mais voltadas mesmo pra essa problemática social, entendeu?! Então eu acho que por conta disso a gente mesmo era uma banda mais punk mesmo.¹¹¹

Uma vantagem do *Delirium Tremens*, em relação a outras bandas, era o fato de um de seus integrantes ser de família política tradicional no Piauí. Com isso muitas portas se abriam em relação a iniciativas públicas e privadas. Mesmo a banda fazendo músicas e tocando alguns *covers* de bandas que buscavam em suas letras críticas políticas e sociais:

(...)é veja bem, eles não tinham, vamos dizer assim, a mesma rebeldia né!? Que eu tinha por exemplo na época né!? Mas eles tiveram lá a sua importância em participar porque eles acabam abrindo um canal pra gente no sentido de a gente participar de eventos maiores posteriormente, porque isso foi dando credibilidade pras bandas que surgiram naquela época, entendeu?! Porque quando nós começamos com essa ideia de formar bandas e tal, a gente era totalmente discriminado em tudo, não queria colocar a gente pra tocar nos eventos, porque realmente não tínhamos uma capacidade técnica legal, entendeu?! E pelas nossas próprias ideias, as nossas ideias eram anarquistas entendeu?! E isso de certa forma assustava as pessoas na época entendeu?! E aí essa galera que já veio lá do... do berço político (...) de certa forma foi positivo a participação deles nesses grupos mesmo que não tenha sido, vamos dizer assim, muito próxima né!? Mas contribuiu para que a gente pudesse abrir uma porta no sentido de se infiltrar em eventos maiores mais pra frente, eu acho que isso foi bastante positivo.¹¹²

109 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

110 Cover é uma simplificação da palavra inglesa recover e significa recuperação, redescoberta, na música significa uma música tocada por uma banda que não é de sua autoria.

111 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

112 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

A vantagem de um integrante oriundo de família política ser da banda constituía uma estratégia para que tocassem em mais e maiores eventos. Como exemplo dessa porta que se abria com a influência política de alguns membros da banda, o fato do Serviço Social do Comércio (SESC), ter enviado à banda *Delirium Tremens*, em 1992, um convite, com a proposta de uma reunião com a finalidade de participação em um “Premio Cultural”, onde haveria diversas premiações. Também houve um convite para participação num evento organizado pelo Governo do Estado do Piauí, em parceria com a Secretaria de Cultura da época, mostrando que alguns limites antes impostos ao rock eram rompidos. Mantendo assim relações ambíguas com o poder político da época, experimentando contínuos processos de negociação.

Em Parnaíba-PI, havia bandas que buscavam a agressividade em seus sons e atitudes. Não podemos determinar quantas eram, porque bandas nascem e morrem a todo o momento, em garagens, salas, quartos, bares e etc., sempre irá surgir uma banda nova. Nas décadas de 1980 e 1990, esse crescimento foi espantoso, pois era a nova sensação da mídia, seja positivamente, como no caso do *Rock in Rio 1985*, seja negativamente como no caso do festival punk “O começo do fim do mundo”, ocorrido em São Paulo. Esse festival é colocado como um dos marcos para a decadência do movimento punk no Brasil. Foi usado pelos meios midiáticos, para mostrar que a juventude seguidora dos ideais punks era somente transgressora, que visava baderna e a quebra dos bens públicos, mostrando conservadorismos nas mídias, para com as manifestações marginais da juventude.

Nessa alta do Rock/Metal no Nordeste, porém, tivemos a primeira gravação de uma banda de *Heavy Metal*, a banda piauiense *Vênus*, fundada na capital Teresina-PI, com isso mais um marco histórico do rock piauiense foi criado.



Nesta foto vemos a transgressão no fato de o integrante do meio, está segurando o que podemos identificar como um tridente. O nome da banda vem de uma figura da mitologia grega, com isso, percebemos a tentativa de que a religião católica fosse agredida, pois essa religião é a que naquela época tinha a maioria dos adeptos no Piauí. Em sua formação a banda *Vênus* tinha como um de seus guitarristas, o hoje renomado violonista clássico Erisvaldo Borges, sendo ele o do canto direito da foto acima, mostrando outra face, uma onde temos maior capacidade técnica dos músicos roqueiros.

Assim, se percebe diferentes dificuldades e superações na experiência histórica dos sujeitos relacionados ao Rock. Suas relações e trajetórias de vida, dentre outras coisas, possibilita a partir da vivência cultural da juventude roqueira/*headbanger* parnaibana nesse período, problematizar a cidade e os espaços urbanos.

CAPÍTULO 04

A JUVENTUDE TODA VAI ESTAR LÁ, E VOCÊ VAI FICAR DE FORA?

Em nossos shows, nós nos divertimos, o público se diverte, a polícia se diverte, é um triângulo amoroso muito doido.
(Jim Morrison, vocalista da banda *The Doors*. Sem data).

Os espaços urbanos trazem dinâmicas nas quais as contradições se evidenciam, no qual vários processos e fenômenos sociais se desenvolvem. A cidade não é a principal causa, mas é o ponto em que há convergências que possibilitam esse desenvolvimento¹¹³. Essa diversidade urbana faz com que novos personagens apareçam. Temos como um desses personagens os roqueiros e *headbangers*, pessoas de um comportamento complexo, que constroem uma sociedade baseada no entrosamento entre os indivíduos, transformando-se em asilo, em esconderijo, para esse ser antissocial, contra as ameaças que possam existir.¹¹⁴

Esse agrupamento entre os iguais faz com que novas formas de entretenimentos comecem surgir na cidade:

Embora pesquisas tenham demonstrado que a necessidade de lazer cresce com a urbanização e a industrialização, este crescimento está longe de ser igual em todas as camadas sociais. Neste sentido, as cidades de países subdesenvolvidos se constituem num campo privilegiado de estudos, já que nelas há marcantes diferenças socioeconômicas e coexistem as manifestações de cultura popular com as da cultura difundida pelos meios de comunicação de massa.¹¹⁵

Podemos considerar Parnaíba dentro dessa forma de peculiaridades, que marcaram a cultura popular, pois havia grandes características, políticas e sociais, que fortaleciam o crescimento de bandas de rock, chegando ao ponto de que uma grande apresentação fosse possível, pois o público apreciador de Rock crescia na cidade.

Ter uma banda, para um jovem apreciador do Rock ou *Heavy Metal*, pode ser considerado a realização de um sonho, mesmo sem nenhuma experiência musical, ou até mesmo sem nunca ter feito um acorde em algum instrumento. Há casos em que jovens estudam violão e ao se apaixonar pelo Rock trocam o “velho” instrumento acústico, por um kit, com sua guitarra, amplificador e pedais de distorção.

Alcançado esse primeiro passo, vem o mais difícil salto, que é se apresentar em algum evento, seja ele show ou festival. Essa dificuldade não se constitui somente em arrumar equipamento ou fazer com que acreditem no seu som, o desafio é encerrar o público do “movimento roqueiro”.

Agora imaginemos todo esse processo em uma cidade que pode ser considerada historicamente pacata. Num primeiro olhar, o pensamento patriarcal predomina, como costumeiramente observamos no período de ditadura no Brasil e nos

113 OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. P. 17

114 RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. P. 196.

115 OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. P. 62.

primeiros anos que a precederam. Vemos que o alcance dessa realização se torna uma tarefa muito mais massacrante e de um sentimento de realização maior, não somente pelo dinheiro, fama ou qualquer outro tipo de promoção pessoal que o roqueiro proporciona. Essas características se desfazem no momento em que sabemos que não havia remuneração das bandas, pois o arrecadado no show, “só deu para cobrir as despesas”.

No decorrer deste capítulo, falaremos de alguns eventos que aconteceram na cidade de Parnaíba, litoral piauiense, onde jovens roqueiros conheceram um pouco mais o universo pelo qual se apaixonavam. Essas participações não estão somente num modo considerado passivo/ativo, mas também ativo/ativo¹¹⁶. Assim abordaremos os festivais, show e outros tipos de apresentações que movimentaram a história do Rock parnaibano.

4.1. Rock Show: memórias e possibilidades criadas pelos primeiros contatos ativos com o Rock/Metal em Parnaíba-PI.

Na memória de um roqueiro, há fatos pessoais que não se perdem. Dentre eles, temos aquele show marcante e a primeira banda de rock que se ouviu, dentre outras coisas. Em Parnaíba não foi diferente, como vemos nas palavras de Paulo Bastos, que trinta anos depois ainda tem na memória a sua primeira experiência ouvindo um rock:

Eu me lembro de que eu estava na Rádio Educadora de Parnaíba e existia um programa chamado "O Som Nosso de Cada Dia" que era dia de Sábado pela manhã e certo dia eu fui na Rádio Educadora para assistir esse programa ao vivo e o locutor Bernardo Silva colocou um disco de rock do Led Zeppelin para tocar a música Black Dog. Então a partir dessa época eu passei a gostar de rock. Acredito que já 30 anos eu escuto rock, de um modo geral.¹¹⁷

Esta música chamada “*Black Dog*” é a primeira faixa do disco “Led Zeppelin IV”, são quase cinco minutos, do que podemos chamar *Heavy Metal*. Estilo musical que acabara de ser fundado, pois este CD tem lançamento datado de 1971, sendo o quarto álbum da banda inglesa Led Zeppelin. Podemos perceber na fala de Paulo Bastos o alcance do rock, numa época sem internet, onde a primeira experiência era a partir do rádio. Por conta disso, eram aguardadas apresentações das bandas. Nessas apresentações eram vendidas fitas caseiras e expressadas as suas ideias. O objetivo era conseguir chegar a ter em algum momento sua música tocada em algum programa de rádio.

116 Uso “passivo/ativo” e “ativo/ativo”, por entender que mesmo esse roqueiro não participando como um idealizador, tocando em alguma banda, ou trabalhando no evento, ele se torna um membro ativo, na construção do evento, com isso uso o termo passivo/ativo. O termo ativo/ativo é usado para denominar o roqueiro que compõe ativamente a constituição do evento, executando funções que colaborem para a realização da apresentação.

117 BASTOS, Paulo. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010.

Essa divulgação de músicas também poderia ser feita através da trocas de fitas, entre os amigos, consolidando o espírito de camaradagem entre os *headbangers*/roqueiros. Essa troca de fita era no que podemos considerar, quase como um dos deveres do roqueiro da década de 1980 e 1990.

(...) na Beira Rio, eu lembro que tinha, sempre no período de final de ano, tinha os *headbangers* de Teresina, uma galera de Teresina que costumava vir pra cá e na época era a época do cassete a gente usava aqueles toca fitas né, bem grande assim (Paulo Death fez o gesto do que seria o tamanho do toca fitas) e essas reuniões na maioria das vezes sempre tinha um... deck desse, né?! um toca fitas e a gente se reunia cada um levava as suas fitas e a gente ficava: “a vamos ouvir agora banda tal, e bota banda tal” né?! E a gente democraticamente conseguia ouvir muita coisa naquele momento entendeu?! E tinha, é claro, essas reuniões aconteciam em cantos diferentes na cidade, às vezes, em casa de um ou em locais como eu falei: Beira Rio, Praça da Graça, Centro Cívico, entendeu?!¹¹⁸

Esses acontecimentos eram constantes, ocupavam espaços públicos e privados da cidade, levando seu toca fitas e negociando quem mostraria seu material.¹¹⁹ No momento em que chegava ao conhecimento alguma banda ou fita, era repassado para o grupo, acontecendo, algumas vezes, alguém comprar um disco por catálogo e ser um evento a chegada desse disco. Muitos dos roqueiros não podiam adquirir discos por conta da condição financeira. Mesmo havendo essa colaboração, emprestar esse material não era comum, por quem o possuía, por isso acontecia cópia de fitas:

É interessante você tocar nesse ponto, porque a figura, vamos dizer assim, principal dessa história bem ai, é o nosso saudoso Paulo Bastos da Metal vídeo né?! Porque o “Paulin” a vida toda ele sempre investiu em discos e tal né?! O dinheiro que ele pegava, um pouco dinheiro ele comprava um vinil ali outro ali, outro aqui e tal, então assim o “Paulin” foi uma figura fundamental nessa questão bem ai, porque ele sempre comprou discos né?! Até hoje ele compra né?! E eu lembro que a gente tinha umas reuniões, o “Paulin” sempre quando chegava um disco novo, ele convocava a galera, “o galera dia tal vai chegar é o vinil da banda X” ai nós íamos lá nos reuníamos e ouvíamos e tal, era um festa só, aquela coisa era mágica, entendeu cara?!¹²⁰

Essa colaboração entre as partes era importante, pois diante das condições financeiras que alguns roqueiros estavam, nunca seria possível, naquele momento, ter acesso a um disco vindo de outra localidade do país e do mundo. Por isso era considerado

118 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

119 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

120 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

um evento, pois conhecer e ouvir um disco novo era considerado um crescimento individual nas práticas roqueiras, influenciando no seu som e ideais.

Nunca esqueço no dia que chegou o Schizophrenia do Sepultura, né?! Que é um disco muito bonito né?! Você abre é um álbum e tal né?! Nunca esqueço desse dia, aí convocou uma galera, Joelson, a moçada que se reunia da época, os headbangers da época, os punks, *headbangers* em alguns momentos,(...) ele é um cara que, né, disponibilizava, assim no sentido de mostrar, de falar pra galera, o chegou tal disco e tal, entendeu?! Tanto é que um pouquinho depois ele começou a gravar fita cassetes, né?! E aí a galera da época, os *headbangers*, roqueiros da época, é todos recorriam ao “Paulin” porque ele trazia esse material de fora, como você falou, nós não tínhamos internet, enfim tudo era mais difícil, né?! E ele trazia ele comprava, é, via correios esse material de fora, São Paulo na maioria das vezes, Rio, então ele era o canal, vamos dizer assim, distribuía né?! e fazia, é... a gente ter acesso a esse material, o “Paulin” foi a figura mesmo importantíssimo nisso aí, entendeu?! Porque ele realmente tinha um acervo enorme, já na época ele já tinha muita coisa, entendeu?! Então o Paulo eu acho que é a figura principal nesse sentido aí, de... é dá acesso né?!¹²¹

Temos na fala de Paulo “*Death*” Veras um evento que marcou sua trajetória roqueira, que foi a chegada do disco do Sepultura, banda nacional que a partir desse disco começa a ganhar o cenário mundial, influenciando bandas de todas as regiões do mundo. Também nessa fala temos exemplificada essa relação de compra e distribuição das informações. Além do intercâmbio com produtos e ideias que circulavam no eixo Rio-São Paulo, local de maior produção cultural no âmbito roqueiro do país naquele momento.

Assim como a chegada de discos ou a primeira audição de uma música, temos também como fator marcante na memória de um roqueiro, apresentações marcantes, seja de uma banda local ou de outra cidade. Nas memórias de Mauro “*Voivod*” Júnior, ele enumera bem fatos marcantes acontecidos nas décadas de 1980 e 1990:

Eu destacaria os seguintes marcos: o show do "Inferno no Céu" na Escola dos Capuchinhos em 1983, que foi um show bem inusitado por ser um show de uma banda de heavy metal num colégio religioso, o show do "Ódio Suicida" em 1988 no auditório da Escola Símplicio Dias, um show em que a banda utilizou uma bateria eletrônica o que destoava bastante do som punk que a banda tinha.¹²²

Vemos que a década de 1980 é marcada na memória de Mauro “*Voivod*” Junior pela apropriação dos espaços, mostrando a inserção de bandas de *heavy metal* e punk em lugares inimagináveis em décadas anteriores. Na década de 1990, porém, já havia uma maior proliferação do Rock no mundo, possibilitando uma disseminação local:

121 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

122 JÚNIOR, Mauro. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 22/04/2010.

No início dos anos 90, existem dois marcos que é necessário falar: Curvão Rock Fest que foi o primeiro contato em Parnaíba do comércio com o rock, pois o show foi patrocinado por uma loja de surf. Esse show contou com uma bilheteria muito boa... Um fato interessante desse show é que autoridades políticas locais e intelectuais da Parnaíba estavam presentes assistindo junto com as tribos urbanas. Foi um show bastante interessante porque houve esse contato de todos esses grupos, a sociedade em si. A suposta "elite" estava lá prestigiando, vendo e achando interessante, e de certa forma não entendendo... algumas gostando e tal. Outro marco dos anos 90 foi o Festival Thrash Death Metal que consolidou a conexão daqui com as bandas de Teresina que já vinham se estabelecendo desde os anos 80, pois o primeiro show de metal de banda de outra cidade aqui em Parnaíba que eu tenho conhecimento foi o show da banda "Vênus" que gravou o primeiro disco de heavy metal do nordeste.¹²³

Nessa fala percebemos que a inserção dos roqueiros nos espaços urbanos se tornou inevitável, por conta disso as autoridades não podiam mais deixar de lado seus olhares. Alguma coisa de relevância acontecia ali, seja numa perspectiva comercial, seja numa perspectiva de quantidade de apreciadores, começava a se tornar conveniente aos comerciantes e outros grupos associar a sua marca ao universo Rock.

Com todo apoio, o número de eventos começou a crescer, fazendo com que bandas de outras cidades comessem a ser contratadas, pois mesmo que não fosse cobrado cachê por parte delas, a locomoção e alimentação ficam por conta do organizador do evento. Nesses novos investimentos, o público inevitavelmente começou a aumentar e algumas bandas conseguiram dinheiro para seu sustento pessoal e compra de instrumentos e equipamentos.

Na memória de Teófilo Lima, vemos a felicidade em contar como conseguiu seu primeiro carro, já que o mesmo foi adquirido a partir de seu trabalho como músico na década de 1990. A música até os dias atuais ainda é um dos seus meios de sustento, pois 20 anos depois ainda compõe, lança CDs e faz shows em várias cidades, sendo considerado um dos maiores artistas piauienses pela imprensa. Na fala de Teófilo vemos sua aquisição:

Eu participava dos festivais estudantis e tal aquela coisa, mas eu participei mais dos festivais, já solo, depois que a banda acabou fui fazer solo, tipo meu primeiro carro, participei de um festival do SESC e ganhei, podia escrever duas músicas, uma tirou primeiro lugar e a outra terceiro lugar e mais o melhor interprete (Risos) comprei meu primeiro Fusca, foi bom né, foi bom começo você da música conseguir comprar o primeiro carro já naquela época, já deu um impulso.¹²⁴

Essa conquista foi notícia na mídia local saindo em nota de jornais. Essa conquista não é somente do artista Teófilo Lima, mas pode representar a trajetória de

123 JÚNIOR, Mauro. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 22/04/2010.

124 LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013.

muitos jovens que um dia sonham em conseguir reconhecimento com seu trabalho musical. Poucos conseguem se sobressair e menos ainda conseguem se consolidar nesse cenário musical, dominado pelos estados do sul do país naquele momento.

A Prefeitura Municipal de Parnaíba começava a investir na cultura parnaibana, realizando festivais com premiações. Paulo “*Death*” Veras, assim como Teófilo, conseguiu a partir de seu esforço musical suporte para uma aquisição:

(...) a minha primeira guitarra eu consegui justamente com o festival que eu falei lá, que foi o FEMUSP¹²⁵, é porque foi o seguinte, até então a guitarra que eu usava era emprestada do João Alberto e isso na época do *Delirium Tremens*, né?! E nós tivemos muita sorte porque esse festival, nós ganhamos como melhor letra, entendeu?! Letra inclusive minha né?!¹²⁶

Essas premiações começaram a ser possíveis a partir do momento em que um roqueiro conseguiu se inserir na política da cidade, alcançando assim o cargo de secretário de cultura de Parnaíba. Esse foi um fator importante na década de 1990 para a consolidação do Rock na cidade, pois agora havia alguém que pudesse de forma direta inserir alguma banda em eventos da prefeitura, assim como estabelecer políticas de apoio aos roqueiros, dando a eles suporte para continuarem na labuta diária, que é a difícil trajetória de um jovem roqueiro, engajado no “movimento”.

Veremos nas páginas a seguir, alguns festivais e shows que aconteceram na cidade de Parnaíba, onde percebemos a consolidação da cultura roqueira na cidade. A partir do envolvimento direto dos roqueiro/*headbanger*, sujeitos históricos ativos nesse processo.

4.2 O Headbangeirismo: Rock/Metal em Shows e Festivais da Região.

Em Parnaíba-PI, os espaços sejam eles públicos ou privados, começam ser usados pelo Rock/Metal local. A participação em eventos políticos, promovidos pela esquerda, pelas bandas que tinham em suas letras engajamento social, trabalhando o lado político, começava a se tornar comum.

Algumas bandas como o "Inferno no Céu", "Garotos da Estrada" e a "Artéria" trabalhavam muito o lado social e o lado político. Houve uma época em que tivemos um show aqui em Parnaíba, o show pelas Diretas no Centro Cívico, para as eleições de 1984 onde foi muito destacado o lado político em virtude de

125 Festival de Música Popular.

126 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.

que na época o Brasil vivia um transição do governo dos generais para um eleição direta.¹²⁷

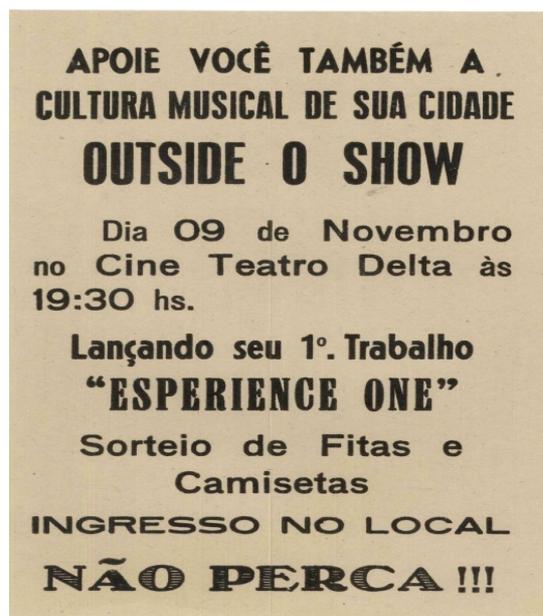
Isso mostra que todos esses anos em que rock foi somente sinônimo de transgressão ou até de doença psicológica, começam mesmo que timidamente a mudar, porque agora a sociedade via uma proposta de transformação social nas palavras agressivas que eram soltas em microfones por jovens roqueiros/*headbaguers*. Essa conquista também é por conta da relação da juventude, filha da classe política da cidade, pois alguns desses jovens transgressores eram de famílias políticas tradicionais no Estado do Piauí. Gerando contradição na crítica apreendida.

Na década de 1990, bandas como *The Police* e *U2* ganham a indústria fonográfica mundial. Assim as bandas Legião Urbana, Barão Vermelho, dentre outras, ganham destaque nacional e o rock virou um artigo cotidiano nas casas e lugares de convívio social, fazendo com que sejam alcançadas apresentações em lugares, antes não imaginados.

Em Parnaíba-PI, aconteceu uma apresentação que exemplifica essa nova fase do rock. O show da banda *Outside*, apresentado no Cine Teatro Delta. Uma característica importante é o fato de haver um título para o show, tornando-o mais atrativo para o público. Show esse intitulado “Esperience One”, onde devemos ressaltar que a matéria de chamada para o show, num jornal da época, era “Experience One” diferentemente da grafia usada no flyer do evento, mostrando assim o caráter amador, mesmo com tentativa de copiar uma prática de bandas estrangeiras.

Esse foi um show que tinha como público alvo estudantes, pessoas que acompanhassem o trabalho da banda e o público da cena Rock parnaibana, como ressaltado numa entrevista. O seu repertório tinha canções autorais, além de covers. No local do show foi disponibilizado para venda um demo tape das bandas, assim como camisas. Esses eventos eram momentos de sociabilidade e troca de experiências que propiciavam diferentes apropriações culturais e produção de identidades entre os sujeitos.

127 BASTOS, Paulo. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010.



Nesse *flyer* temos a frase “Apoie você também a cultura musical da sua cidade”, nos levando assim a problematizar que os roqueiros da época já consideravam o Rock como uma parte da cultura de Parnaíba e não somente um etilo musical. Frases de efeito eram colocadas para uma maior divulgação do evento, assim como a citada anteriormente temos também a que dá nome a este capítulo: “A juventude toda vai está lá, e você vai ficar de fora?”.

Temos também como um fato relevante, a participação das bandas de rock locais em eventos. Os convites eram feitos por órgãos públicos e privados para a participação em coletâneas e shows, podemos ver mais fortemente a aceitação que o rock adquiriu no decorrer dos anos. Na década de 1990 era comum achar alguém com trinta anos que gostasse de rock, sendo essa uma faixa etária em que geralmente se alcançava cargos políticos e de coordenações relacionadas à cultura e áreas afins.

Mesmo tendo alguns integrantes dos poderes instituídos, que ultrapassasse essa faixa etária e não gostasse de Rock, teria que inseri-lo em seus planejamentos, pois era o que estava em alta nos meios de comunicação da época. Alguns exemplos em Parnaíba são cartas enviadas pelo SESC, Governo do Estado do Piauí e Prefeitura Municipal de Parnaíba, convidando bandas de Rock/Metal em que Paulo “*Death*” era integrante.

Nesses três convites temos nomes de artistas de vários estilos musicais, de outras áreas, como por exemplos, artes plásticas. O rock começa a ser inserido na lista da cultura da cidade. Na fala de Paulo “*Death*”, podemos perceber como os órgãos públicos ajudaram nessa inserção, fazendo com que a frequência de shows aumentasse, pois havia

o uso dos poderes políticos para tal crescimento, fazendo com que em eventos do calendário da cidade, houvesse presença do rock:

é por incrível que pareça rolavam com certa frequência, mas assim na época agente não tinha por exemplo essas produções independente que agente vê hoje, o show agente dependia muito da Secretaria de Cultura da época, porque assim, quando as bandas de rock tinha, vamos dizer assim, acesso pra tocar em determinados eventos, eu lembro bem no período do Danilo Melo, na gestão dele como secretário de cultura, foi a época que as bandas de rock mais tiveram acesso a esses eventos entendeu?! Eu lembro que tinha eventos que rolava na praça Santo Antônio por exemplo que tocava as bandas principais da época que e as bandas Os Originais e ele sempre botava a banda de rock pra contra balancear, entendeu?! Isso é porque ele tava na secretaria, era um cara que gostava de rock também, tinha amizade, conhecia a galera da época, entendeu?! e ele sempre quando possível inseria uma banda nesses eventos, entendeu?! Eventos “Populares” por assim dizer, mas rolava sim com frequência, mês de Julho rolava, sempre mês de novembro rolava evento, é eu lembro que tinha comezinho do ano se não me engano, tinha “Verão Vadio” até o nome do evento, esse evento rolou durante décadas assim sabe, acho que uns dez anos sei lá, aí era o pessoa do PIEMTUR¹²⁸ envolvido e tal secretaria de cultura local entendeu?! Enfim mas sim os eventos rolavam com frequência certamente¹²⁹

Nesta fala vemos também que aconteciam alguns festivais, movimentando assim o calendário de eventos da cidade, por se tratar de uma cidade de litoral, a realização de eventos se torna uma parte primordial para o avanço do turismo, juntamente com outros fatores. Podemos destacar o FEMUSP.

128 Empresa de Turismo do Piauí, extinta em 2007.

129 VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013



Estes festivais tinham premiações em dinheiro, característica que os tornava atrativos. Para aqueles jovens que desejavam ganhar dinheiro através da música. Em um jornal da cidade em uma coluna intitulada “Stop, parada obrigatória” continha o seguinte texto:

-O cantor e compositor Teófilo Lima foi o grande vencedor do Parnacanta, I festival de Música Popular de Parnaíba, produzido pelo SESC, cuja finalista aconteceu dia 23 de novembro.

- Grandes revelações da música pop parnaibana foram destaques no festival, cita-se Charleno Queiroz Pires, vocalista da banda "OS ULTIMOS ANJOS"..¹³⁰

Esses incentivos culturais levaram alguns artistas à realização de um sonho: gravar um LP¹³¹. Esse sonho acompanhou a infância e a adolescência de vários roqueiros e conquistar a gravação, mesmo que somente de uma música, poderia ser considerada uma das maiores conquistas artísticas desse jovem:

Gravação no LP, eu tive sorte de eu e outros contemporâneos de gravar em um “bolachão” foi através também dessa secretaria nessa época que agente gravou e vários tipos de incentivos né?! Festivais, contratava a gente, foi realmente importante.¹³²

É evidente nos olhos de Teófilo Lima, mesmo depois de já ter lançado dois CDs e ter previsão para em 2014 lançar outro, além de ter se apresentado por várias partes do Brasil, a emoção quando comenta esse fato, pois se percebe a importância dessa conquista artística proporcionada pelos incentivos governamentais. Mas propiciada pela experiência exitosa de uma geração

Alguns personagens, porém, não conseguiram permanecer nesse meio cultural, pois trilhavam novos caminhos. As necessidades financeiras apareciam, sejam elas relacionadas à constituição de família, ou simplesmente a idade, pois não sendo mais um adolescente, tinham novas necessidades, que não conseguiam saciar pelo que era arrecado em suas bandas, alguns para permanecer na cena musical, tem que tocar em várias bandas, como é o caso do Paulo “*Death*” Veras, que mesmo tocando em mais de uma banda, ainda trabalha com artes plásticas, para ter o sustento de sua família. Por isso, personagens como Mauro “*Voivod*” Júnior, não mais permaneceram tocando em bandas de rock, se tornando apenas um espectador, assim como vários outros personagens, que não conseguiram ser alcançados por essa pesquisa.

130 Neste recorte de Jornal não contem datação, sendo ele veiculado no final da década de 1990.

131 Long Play.

132 LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013.

CONCLUSÃO

“A música rock veio mudar as tradicionais músicas dos homens de negócios para uma música mais livre e sem preconceitos. A música rock reflete um comportamento erótico, para alguns destrutivo, mas na minha opinião é apenas um meio de desabar as estruturas. A música americana popular até mais ou menos 1960 estava presa aos empresários, homens de negócios que comandavam toda a publicidade da TV, que mandavam e desmandavam nos artistas, e isso não dava liberdade artística para os compositores. A música rock trouxe uma nova concepção de som e música.”(Cazuza, numa redação escolar de 1971).

No decorrer deste trabalho seus objetivos foram se reformulando a cada palavra, a cada entrevista, a cada orientação, fazendo com que essa estrada se tornasse muitas vezes longa e sinuosa. Mas sua conclusão foi satisfatória, mostrando que a cultura dos roqueiros/*headbaguers* é um tema que se consolida no Brasil.

Analisar como se deu a constituição das práticas roqueiras em Parnaíba-PI, mostrando seus shows e as bandas foi importante para ampliar as visões sobre a cultura da cidade de Parnaíba. Mostrando uma cidade do litoral nordestino, que hospedou e hospeda práticas urbanas singulares, dando mais uma possibilidade de percepção das práticas urbanas juvenis, relacionadas à cultura rock, em outras cidades do Piauí e do nordeste. O rock está presente em várias das expressões que emergem subversivamente contrárias a algum sistema opressor, mesmo que essa emergência não seja musical, mas uma atitude comportamental munida de aspectos roqueiros.

Enquanto processo uma história nunca é contada por completa, independente do tempo dedicado a ela. Espero que oportunidades de uma ampliação deste tema aconteçam, pois várias perspectivas podem ser trabalhadas, como por exemplo: o imaginário dos roqueiros; a relação dessa juventude com os espaços urbanos em diferentes décadas; a relação deles com as transformações midiáticas; proliferação dessa cultura nas esferas locais; as mulheres roqueiras ou *headbanguers* de Parnaíba, dentre variadas temáticas relacionadas.

Como foi colocada na introdução, o meu desejo é a ampliação das pesquisas nesse universo tão pouco explorado, fazendo com que esses personagens sociais que guardam experiências de lutas, vitórias e derrotas, recebam ouvidos dos pesquisadores, contribuindo assim para uma análise crítica da cultura global, regional e local.

No decorrer dos capítulos percebemos como foi a consolidação do rock, de sua origem até a consagração nacional, tornando-se relevante na compreensão das estruturas políticas, sociais e culturais da juventude pós-guerras. Tivemos como objetivo mostrar a inserção do Rock nos estudos culturais, principalmente na área de História, ainda que o conhecimento interdisciplinar seja essencial para estudos na área da cultura. Por conta disso foram analisadas as pesquisas historiográficas que constituíam a historiografia do rock parnaibano, reconhecendo assim a importância dos trabalhos já produzidos.

Partindo prioritariamente para a análise das fontes, temos a consolidação do Rock no âmbito local, mostrando o alcance dessa prática juvenil em várias localidades, rompendo de certa forma barreiras de espaços e costumes. Nisso as primeiras manifestações roqueiras em Parnaíba são visualizadas, tendo como personagens roqueiros e *headbangers*. Formaram-se na juventude políticas alternativas na cidade, sendo elas calçadas nos preceitos do rock, mostrando as novas faces da contestação em Parnaíba.

Com novos anseios, a juventude passa a buscar na música uma alternativa de vida, fazendo com que talentos individuais surgissem, mas enfatizando o sentimento de colaboração entre os praticantes do Rock. O movimento Rock estava em todas as camadas sociais, seja ela a classe rica seja da classe pobre. Havendo assim, na criação dos grupos, sistemas de colaboração entre os praticantes. Enfatizamos duas faces do Rock. A primeira a música pop/rock, sendo ela difundida massivamente nas mídias nas décadas de 1980 e 1990, fazendo com que a indústria fonográfica comercializasse o rock nacional. A outra face é a *underground*, uma face extrema do rock, que não conseguia uma aceitação na comercialização e indústria, por vontade própria ou por não conseguir seduzir um mercado consumidor maior. Mostramos assim bandas de *Heavy Metal* que conseguiram se inserir na cultura local.

Novas possibilidades se abriram, a partir da inserção do rock na política institucional, fazendo a juventude tornar-se ativa na criação e elaboração de shows, evidenciando que os poderes públicos e privados perceberam o crescimento e vincularam-se em alguns momentos a “Cena Rock” local. O rock portanto constitui uma relação de negociação política e cultural.

A circulação de dinheiro fez esses jovens terem meios de conseguir suprir necessidades a partir da prática roqueira, mas ressalto que essas necessidades foram supridas momentaneamente, pois, poucos personagens conseguiram permanecer na

“cena”. Festivais e show proporcionavam esse crescimento, reconhecendo assim a sua força na cidade de Parnaíba.

Este trabalho constitui uma singela contribuição para a valorização da memória dos sujeitos que contribuíram e continuam a contribuir com suas histórias de vida relacionadas ao “movimento roqueiro/*headbanger*” da cidade de Parnaíba-PI.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS E ARTIGOS:

ADORNO, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade*. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAHIA, Ricardo José Barbosa. *Das luzes à desilusão: O conceito de indústria cultural em Adorno e Horkheimer*. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2004.

BARREIROS, Edmundo; SÓ, Pedro. *1985: o ano em que o Brasil recomeçou*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História: Princípios e Fundamentos*. 2.Ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *O projeto de pesquisa em história*. Petrópolis, Rio de Janeiro. 5.Ed., Petrópolis, RJ: Vozes 2009.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Vol. 1, São Paulo: Brasiliense, 1987, P. 197-221.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais da Juventude*. São Paulo: Moderna, 1990.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CACCIOCARRO, Carmem (seleção e organização). *Fala Rock: as máximas e mínimas do roquerrol*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CALDAS, Waldenyr. *O que todo cidadão precisa saber sobre cultura*. São Paulo: Global, 1986.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. *ESSES CAMALEÕES VESTIDOS DE NOITE: UMA ETNOGRAFIA DO UNDERGROUND HEAVY METAL*. In: *Sociedade em Estudos*, v. 1, n. 1, Curitiba: 2006. P. 37-50.

_____. *TREVAS SOBRE A LUZ: O UNDERGROUND DO HEAVY METAL EXTREMO NO BRASIL*. São Paulo: Alameda, 2010.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos da metrópole*. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

_____. *Sincretismos: Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel: Instituto Cultural Italo Brasileiro-Instituto Italiano di Cultura, 1996.

CHACON, Paulo. *O Que é Rock*. 3. Ed, São Paulo: Brasiliense, 1983.

DAPIEVE, Arthur. *Brock: O rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____; ROMANHOLLI, Luiz Henrique. *Guia de rock em CD*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: Memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

IORE, Adriano Alves; CONTANI, Miguel Luiz. *DAS FORMAS BÁQUICAS E DO GROTESCO BAKHTINIANO EM IMAGENS DO HEAVY METAL E DO HARD ROCK*, In: Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, 2011. P. 10-22.

_____. *A IMPORTÂNCIA DO BANQUETE NAS GRANDES PRAÇAS PÚBLICAS (OU FESTIVAIS) DE HEAVY METAL NO BRASIL E NO MUNDO*. In: Anais do I Congresso Internacional de Estudos do Rock. Cascavel: 2013. (disponível em: http://www.congressodorock.com.br/evento/anais/2013/artigos/4/artigo_simposio_3_267_hardrockingroad@yahoo.com.br.pdf).

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: Uma história social*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SILVA, Glaydson José da. *Teoria da História*, São Paulo: Brasiliense, 2008.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991* São Paulo, Cia das Letras, 1995.

_____. *A História Progrediu?* In: HOBSBAWN, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 68-82.

_____. *História Social do jazz*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 6ª Ed. 2008.

LAVALLE, Adrián Gurza; CASTELLO, Graziela; BICHR, Renata Mirândola. *Quando novos atores saem de cena. Continuidades e mudanças na centralidade dos movimentos sociais*. In: Política & Sociedade, n. 5, Florianópolis: 2004. P. 37-55.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. In: LE GOFF, Jacques. (Org) *O Homem e a História*. Martins Fontes, 1993. P. 24-57.

MAGNANI, J. G. C.. *Tribos Urbanas: Metáfora ou Categoria?* In: Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Ano 2, nº 2. São Paulo:

Departamento de Antropologia, FFLCH/USP. 1992.

MARCUSE, Herbert. *A Arte na Sociedade Unidimensional*. In: LIMA, Luiz Costa (Org). Teoria da Cultura de Massa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pg. 245-256.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

MOURA, Gustavo Silva. *Primeiros acordes distorcidos: a construção de um rock and roll brasileiro na década de 1950*. Gnarus- Revista de História, v. 3, Rio de Janeiro: 2013. P. 65-72.

MUGGIATI, Roberto. *Rock - o grito e o mito*. Petrópolis, Vozes, 1973.

MUGNAINI JR, Ayrton. *Breve História do Rock*. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PAIANO, Enor. *Bananas ao vento no coração do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1996.

PAVÃO, Albert. *Rock Brasileiro 1955-65: Trajetória, Personagens e Discografia*, São Paulo: EDICON, 1989.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun; VIEIRA, Maria do Pilar Araújo. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989.

PEREIRA, Carlos Alberto M.. *O que é Contracultura*. 3º Ed. Editora Brasiliense, 1992.

PICCOLI, Edgard. *Que Rock É Esse? A história do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones*. Editora Globo. 2008.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, P. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, nº. 15. São Paulo: EDUC, abril 1997.

_____. *A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Revista Tempo: Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.

RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

RODRIGUES, Marly. *A década de 80: Brasil: quando a multidão voltou às praças*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *A Década de 50: Populismos e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.

ROSENFELD, Denis L. *O que é democracia*. 5. Ed, São Paulo: Brasiliense, 2003.

SAGGIORATO, Alexandre. *Anos de chumbo: rock e repressão durante o AI-5*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

SANTOS, Lidia Noemia. *Nas trilhas dos Rabos de Burro. Juventude e gênero na cidade de Fortaleza (1950 -1970)*. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Fortaleza. História e Ética. Fortaleza, 2009. v. 1. P. 349-349.

STEPAN, Alfred C. *Os militares: da abertura à nova república*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: Estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TOTA, Antonio Pedro. *CULTURA E DOMINAÇÃO: RELAÇÕES CULTURAIS ENTRE BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS DURANTE A GUERRA FRIA*. In: Perspectiva, n. 27, São Paulo. 2005. P. 111-122.

MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES:

ARAÚJO, Thiago Campos. *A cultura headbanger do litoral piauiense: o Heavy Metal parnaibano na primeira década dos anos 2000*. Teresina: Faculdade Piauiense (FAP), 2012 (Monografia de História).

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo. *Brasil mostra a tua cara: rock nacional, mídia e redemocratização política (1982-1989)*. Assis: Universidade Estadual Paulista (UNESP-FCL-Assis), 2009 (Dissertação de Mestrado em História).

MÜHLSTEDT, Lidiane. *Geração Coca-Cola: As Representações da juventude e do seu comportamento no pop/rock dos anos 80*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2004 (Monografia de História).

SALDANHA, Rafael. *Rock em revista: o jornalismo de rock no Brasil*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. (Projeto Experimental do curso de Comunicação Social).

SOUSA, João Carlos Araújo de. *Acordes que transpassam: O grupo Apaches e suas influencias na dinâmica cultural da Cidade de Parnaíba-PI nos anos de 1968-1981*. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), 2013. (Monografia de História).

LIMA, Luciane Moreira Andrade de. *RÁDIO, TV E MÚSICA: a difusão musical em*

Parnaíba entre 1940 e 1970. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), 2010. (Monografia de História).

MONTEIRO, Edilson dos Santos. *Impactos da contracultura roqueira em Parnaíba*. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), 2010. (Monografia de História).

NOGUEIRA, André Aguiar. *FOGO, VENTO, TERRA E MAR: MIGRAÇÕES, NATUREZA E CULTURA POPULAR NO BAIRRO SERVILUZ EM FORTALEZA (1960-2006)*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2006. (Dissertação de Mestrado em História Social).

FILMOGRAFIA:

Botinada: a origem do punk no Brasil. Produção de Gastão Moreira. São Paulo: ST2, 2006. 1 DVD

Global Metal. Produção de Sam Dunn e Scot Mcfadyen. Toronto: Banger Films, 2007.

Ruído das minas: a origem do heavy metal em Belo Horizonte. Produzido por Gracielle Fonseca; Rafael Sette Câmara e Filipe Sartoreto. Belo Horizonte: Curso de Comunicação Social na UFMG, 2009

FONTES ORAIS:

BASTOS, Paulo. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 21/04/2010. Paulo Roberto Rocha Bastos atualmente é professor da rede pública de Parnaíba, produtor cultural e dono de uma das maiores lojas especializada em Rock do Piauí. Foi integrante de uma das primeiras bandas de *Heavy Metal* de Parnaíba-PI e um dos maiores colaboradores para o fortalecimento do movimento Rock/Metal da cidade, trazendo discos e reproduzindo nas reuniões.

JÚNIOR, Mauro. Entrevistado por Edilson Monteiro. Parnaíba-PI. Brasil. 22/04/2010. Mauro Júnior Rodrigues Souza é professor e músico. Teve grande contribuição para o movimento Rock de Parnaíba-PI, transitando entre várias vertentes do rock sendo baterista, tocou em bandas de punk e na banda Rabiscos Urbanos uma das que tiveram maior repercussão na década de 1990, levando a ela como disse Teófilo Lima: “uma pegada *Rock and Roll*”.

LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013. Teófilo Lima é músico em atividade, onde tem em 2014 previsão de lançamento de seu terceiro CD solo, também é diretor da TV Delta, emissora televisiva local, afiliada a TV Antares no estado e nacionalmente a NBrasil.

VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013. Paulo Veras, mais conhecido pelo seu nome artístico “Paulo Death” é artista plástico e guitarrista. Ativo desde finais da década de 1980 está transitando de lá, entre dois cenários musicais do meio Rock da cidade, sendo eles o *Heavy Metal* e o Pop Rock.

JORNAIS:

- EDITORIAL. *5 mil pelas diretas*. In: Inovação, Parnaíba, nº 49, 1984. (P. 01).
- _____. *Canta Parnaíba*. In: Inovação, Parnaíba, nº 54, 1985. (P. 01).
- MACIEL, Luis C. *A era da paranoia*. In: Inovação, Parnaíba, nº 28, 1980. (P. 18).
- MELO, Danilo. *Rádio rock and roll*. In: Inovação, Parnaíba, nº 51, 1985. (P. 07).
- _____. *Inferno no Céu – Um grito de contra-cultura*. In: Inovação, Parnaíba, nº 47, 1984. (P. 04).
- _____. *Raimundo virou Punk*. In: Inovação, Parnaíba, nº 49, 1984. (P. 04).
- _____. *Capitalismo e Comunismo: o pecado da “perfeição”*. In: Inovação, Parnaíba, nº 53, 1985. (P. 04).
- _____. *Por que Beatles Forroever*. In: Inovação, Parnaíba, nº 55, 1985. (P. 10).
- _____. *Setembro Negro*. In: Inovação, Parnaíba, nº 55, 1985. (P. 10).
- PLATÃO, Valdionor. *João da Parnaíba: o testa redonda enferrujada*, In: Inovação, Parnaíba, nº 57, 1986. (P. 09).
- PORTO, Wilton. *Ano internacional da Juventude*. In: Inovação, Parnaíba, nº 53, 1985. (P. 06).
- Usamos também como fonte hemerográfica, alguns recortes de jornais, revistas e zines, disponibilizados por Paulo “Death” de seu acervo pessoal. Alguns desses recortes não têm datação específica, mas foram veiculados exclusivamente entre as décadas de 1980 e 1990.

ANEXOS



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO — S E S C

Centro de Atividade Brasília Machado Neto

Rua Eunice Weaver, 01 Fones 322-2110 — 322-1573

Caixa Postal 123 — End. Telegráfico «DESESC»

PARNAÍBA — PIAUÍ

Parnaíba, 19 de outubro de 1992.

DELIRIUM TREMENS
MD. Grupo Musical
NESTA

Prezados Senhores,

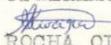
Objetivando premiar os artistas da terra, tendo como referencial seus destaques nas diferentes expressões artísticas, estimulando e resgatando os valores culturais, o Serviço Social do Comércio - SESC, realizará pelo quarto ano consecutivo, o PRÊMIO CULTURA, cuja solenidade ocorrerá dia 14 de novembro de 1992, às 19:00h no Teatro do SESC.

Para seleção dos destaques, prevê-se uma eleição com a participação popular e a título de informação ao público sobre os trabalhos realizados no ano cultural: outubro/91 a outubro/92, pretende-se realizar uma Exposição Itinerante nas escolas de 2º Grau e Universidade.

Para tanto, convidamos Vs. Sas. para participarem de uma reunião que realizar-se-a dia 20/10/92, terça-feira, às 17:00h, no SESC da Av. Presidente Vargas.

Certos de contarmos com as vossas presenças, agradecemos antecipadamente e aguardamos confirmação.

Cordialmente,


ANA LÚCIA ROCHA OLIVEIRA
Chefe do C. A. "EMM",
em Exercício.

CONVITE

O Governo do Estado do Piauí, PIEMTUR, SESI, Fundação Cultural do Piauí e Secretaria de Cultura do Município de Parnaíba convidam V. Sa. para vernissage " JANEIRO ARTE III " .

Local: Galeria de Artes do Porto das Barcas, em Parnaíba-PI.

Período: 28/01/95 à 28/02/95.

Abertura: 28/01/95 , às 22:00h.

Show Musical com : Danilo, Pituca, Teófilo, Tetê Rocha, Fernando Holanda, Delirium Tremis e Grupo Cachoeira.

Produção Executiva: JOSÉ DE MARIA.

PINTURA

Adriano Reis Daniel Mendes Ivelto Melo Inês Melo Marcos Gaspar Pedro
Marcos Araújo José Soares João Basto Paulo Gaspar Raimundinha Cacau
Léo Sica Zilda Vaz Nonato Oliveira Nogueira Filho Jeferson Geni
João Abreu Luis Trindade Josafá Silva Gabriel Archanjo Valter Belo
Amaral Heloisa Cristina Hostiano * Antonio Rogério Cícero Manoel

ESCULTURA

Juca Lima Guilherme Assunção Luiz Sérgio Danilo Reis Carmem Cacau
Antonio Carlos Carlos Martins Din Carlos B.

DESENHO

* Assis * Carl Bauer Paulo Gaspar

FOTOGRAFIA

* Antonio Vieira * Edilson Brito

CERAMICA

Norma Couto * Charles Santeiro

MONTAGEM

* José de Maria

===== APOIO CULTURAL =====
DULOREN COBRASIL ADEGA FM LITORAL GRUPO PEDRO MACHADO SEBRAE MED IMAGEM
STATUS VIDEO CLUBE SABOR & ARTE GBA COMUNICAÇÕES JORNAL O DIA RADIO IGARAÇU
RADIO EDUCADORA FUNDAÇÃO WALTER ALENCAR TV RADIO CLUB CORREIO DO PIAUI
CORREIO DO POVO POLE AUTORAMA MEIO NORTE COMUNICAÇÃO LOJA DAS FÁBRICAS NEW
NESS GRAFICA AMERICANA
=====

Anexo 2: Convite do evento JANEIRO ARTE III. Cedido por Paulo "Death".

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARNAÍBA
SECRETARIA DE CULTURA

OF/PMP/SC/Nº 098/96 - CIR

Parnaíba, 17 de dezembro de 1996

Ilmo.(a)Sr(a)

PAULO DEATH

MD. Integrante da Coletânea de Intérpretes e Compositores Parnaibanos
NESTA

Prezado(a) Senhor(a):

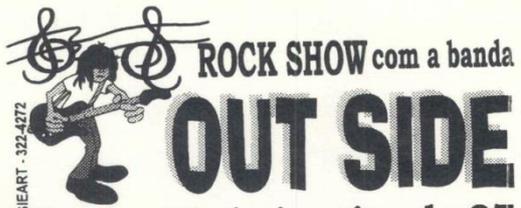
Ao tempo em que cumprimentamos V.Sa., aproveitamos para informar sobre o lançamento da II Coletânea de Compositores e Intérpretes Parnaibanos, que será realizado no dia 21/12/96, às 20:00h. no Auditório da Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Reis Veloso.

Informamos ainda, que será entregue a V.Sa. a cota proporcional de CD's e K-7's.

Sendo o que tínhamos para o momento, reiteramos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Danilo de Melo Souza
Secretário de Cultura



SIEART - 322-4272

ROCK SHOW com a banda

OUT SIDE

Sexta, 03 de janeiro de 97
às 22:00 horas.

Local: Restaurante Delta Paraíso
PORTO DAS BARCAS

INGRESSO ÚNICO R\$ 2,00

Venda no local: Banda
Show de abertura: Delirium Tremes
**A JUVENTUDE TODA VAI ESTAR LÁ,
E VOCÊ VAI FICAR DE FORA?**

Apoio: CLUBE DO TURISMO
PROJETO DELTA FEST BY
COLOMBO

ROCK SHOW BANDA OUTSIDE

PARTICIPAÇÃO:
ULTIMOS DIAS

Dia: 29/12/95

Hora: 21:00 h.

R\$ 2,00

Local: Porto das Barcas

Apoio:

GRÁFICA FERRAZ

Impressos e Carimbos
Rua Pires Ferreira, 535 Fone: 322-3475

DELIRIUM

TREMENS apresenta
o show **THRASH NICHT**, um
Show imperdível,
LOCAL : Boate Senzala
DIA : Quinta-feira dia 18 junho
(Feriado)

HORÁRIO : 21 Horas

**COORDENAÇÃO : Carneiro Ju-
nior**

INDIVIDUAL
DARK SHOW
Data 30/05/92 às 21 hrs
Local. LAZER CLUBE
Obs. traje preto
show ao vivo

Anexo 4: Flyers de shows de rock realizados em Parnaíba na década de 1990. Cedido por Paulo "Death".

BRE NO MURO CHA



T.N.T.

Olha aí! Veja só! Ninguém sacou? Tão a sacudia a moçada, lá no rabinho do Brasil. Pegou? T.N.T., direto de Porto Alegre para o mundo. Despencaram um hiper som.

As influências e estilos, eles comem um pouquinho de tudo: Clash, Stray Cats, Pistols e até The Who.

Participaram de uma coletânea do Rock Grande do Sul. É uma banda que não usa rótulo, sem classificação. É apenas um grande estouro.

Recentemente, a Banda é formada por Charles Master que leva um baixo e vocal fúddido; Márcio Petralha e Luiz Henrique, que gozam e se masturbam nas guitarras e vocais; Felipe Gotz vai se prostituindo na bateria.

INDÚSTRIA BRASILEIRA

VIOLETA DE OUTONO

Exclusividade custa caro

EM MEADOS DE 85, LOGO QUE SAIRAM DO GRUPO "ZERO", FÁBIO E CLÁUDIO COMEÇARAM A ENSAIAR, DECIDIDAMENTE, O "VIOLETA DE OUTONO", DIRETO, DE MAIO A JUNHO.

O PÚBLICO DELIROU, LOGO DECOLARAM PARA A GRAVAÇÃO DE UM MINI-LP PELA "MOP GOP". A TIRAGEM FOI DE 5 MIL CÓPIAS. FOI O MAIS DISPUTADO LP DE 86 PELOS PAULISTAS. É UMA VERDADEIRA RARIDADE!

SEM DÚVIDAS, O "VIOLETA DE OUTONO" É O MELHOR LANÇAMENTO DO ROCK NACIONAL.

GRAVARAM UM LP PELA RCA REGRANDO 3 MÚSICAS: "OUTONO", "TOMORROW NEVER KNOWS" (Beatles); "INTELISTER OVERDRIVEN" (Pink Floyd).

O ROCK DO FIM DOS ANOS 80. BANDAS DA FASE PSICODÉLICA, BETLES, SOLF MACHINE, PINK FLOYD COM SYD BURNMAYNE SÃO AS VERDADEIRAS INFLUÊNCIAS DO "VIOLETA". SÃO COMPLETAMENTE ANTI-DROGAS, NÃO TENDO NENHUMA RELAÇÃO COM AS TAIS. A ÚNICA QUE USAM É O ÁCIDO CÍTRICO; SEM DÚVIDA, A BANDA É ÓTIMA AO EXTREMO.

FÁBIO NOS VOCALIS E GUITARRA. ORA STÉTEA, ORA AGRESSIVA, COM UM VOCAL MUITO ESTRANHO, ARRANJOS SEM RÓTULOS E SEM PRESOS. ÂNGELO NO BAIXO - UMA DEMONSTRAÇÃO FORA DO COMUM; CLÁUDIO NA BATERIA, LEVANDO UM ENTROZAMENTO MATEMÁTICO, CONSIDERADO UM DOS MELHORES BATERAS.

A MÚSICA "OUTONO" UMA DAS 5 EXCELENTES CANÇÕES DO ROCK NACIONAL. "TRÓPICO" E "REFLEXOS DA NOITE" SÃO DE PRIMEIRÍSSIMA QUALIDADE. SÓ NOS RESTA CONFERIR.

ZARDOZ:

trahs metal

No dia 7 de outubro, rejeitando o útero materno, numa transformação Heavy Metal, são abortados 3 monstros do rock pesado: Jesus, Marcelo, Carlos.

Ocorrendo isso numa maternidade suja, entre porcos e restos mortais, assim nasce ZARDOZ - a banda mais fudida de Parnaíba. É a pura essência do TRAHS METAL.

Ficaram a vagar pelas ruas da cidade ao encontro de uma explosão que se acentará dia 4 de dezembro próximo, na dita Escolinha Normal. O voo é só 50 paus a partir das 20:00hs., aperte os cintos e ligue os botões que a viagem se segue.

A produção é de Alberto, Billi, César e Charl e Durval (compositor e arte geral).

As influências vão de METALLICA ao além, e o nome da banda é uma pequena homenagem a um psicopata alemão ZARDOZ.



ZARDOZ

"Nos cagamos e mijamos em qualquer lugar - Não temos impossibilidades para demons trar afeto"

"Mutações de palavras engorda a maioria no poder, enquanto a minoria se esfola até morrer; morrer"

ISRAEL

secretário endiabrado

Oba! É ultra sei lá o quê! Só sei que veio pra ficar. O barato é o seguinte: o carinha, Israel José Nunes Correia, da Secretaria de Cultura Desportos e Turismo, tá com a bola toda, chutando direito. Só tá!

Agita o Piauí de cabo a rabo. O bicho (desculpa, cara!, pelo trato) só está somando para a cultura e o turismo piauienses.

A última que nos aconteceu foi a doação, pelo mesmo endiabrado, de um conjunto musical, com mesa de som e tudo, para os artistas amadores de Parnaíba curtirem treinos.

Acabou o massacre e a galera poderá se esbaldar, fazer shows e mostrar melhor competência e qualidade.

Valeu pela força!

Editor: Paulo Henrique Fernandes Cardoso
Pça. Cel. Jonas, 930 - Centro
Parnaíba - Piauí - Brasil - CEP: 64.200

4



ROUPINHAS PARA RECEM-NASCIDOS

Rua Dr. Francisco Correia, 399
Tel: 322.33.31

**INFERNO
NO CÉU:
EIS
A QUESTÃO**



INFERNO: A REVOLTA DO ROCK-ENGAJADO

O ano de 1982 trouxe para o cenário musical parnaibano, um elemento revolucionário, esse tal de rock'n'roll. A coisa era tímida, meio brejeira. A onda era o grupo musical "Raio do Sol", na sua 1ª formação com Jânio, Genésio, Felício, Paulo e Brito. Era o rock da leveza, muita harmonia,



JÂNIO: música pra acordar



KITO: o inferno é aqui mesmo.

linismo e vocais bem tramados.

A desprezenciosa "Luz do Sol" (música de louvação à natural), garantiu à moçada o 1º lugar no FESTIVAL UNIVERSITÁRIO LIVRE/83. Tudo ia bem, a mil, com a brilhante apresentação no Canta Parnaíba I e o Movimento Pró-Teatro.

1984 seria como o livro de Orwell: um ano de inquietação. Os rapazes do "Raio" mergulharam profundo nas alturas do céu e inferno, repensaram o som, trocaram de formação, subiu no palco Heráclito (virtuoso da guitarra) e Kito, som em família, 100% original, mas sacrate.

Já como "Inferno no Céu" eles organizaram o melhor show do ano, nas palavras de um careta da imprensa. Em tudo que pintou som, eles polemizaram, surpreenderam. VERÃO VADJO, SHOW DAS DIRETAS, PÊ NA ESTRADA (junto às bandas "Garotos da Estrada" e "Condutores de Cádaver")

Fora dos limites da cidade, infernizaram em Piri-piri, e impressionaram em Teresina, no FEMP (auditório da Universidade Federal). Foi biz e taiz. Nossas cabeças não seriam mais as mesmas.

A consolidação de um estilo novo na cidade, uma

postura violenta e contestadora, acabou por incomodar a provincianidade e a pseudo-burguesia parnaibana. Cada apresentação era um grito de cólera...

Mas as enormes dificuldades, a falta de apoio e incentivo, e a perseguição empreendida pelos caretas, acabou por dificultar a consolidação de um grande projeto musical, que se alimentava de Beatles e Raul Seixas, Tropicália e Hendrix, algo anárquico, inocente, suburbano, mudar o mundo como Marx, fomentar o sonho como Breton.

O afastamento de Heráclito do "Inferno"; Nix, do "Condutores"; acabou por esfriar a brasa.

ATENÇÃO: apenas esfriou a revolta continua. O grupo promete uma volta para breve. Nada custa, custa nada lembrar o poder contestatório de suas letras: "Um raio do suburbio da periferia do interior/Que era uma turma elétrica que saiu na cidade e estrondou/Como uma new geração... Não se esquentaram com os preás de paletó/Só queriam mesmo mostrar seus pedaços e seus nós."

Como dizia um dos membros do "Inferno", "nós fazemos música é pra acordar" Valeu!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

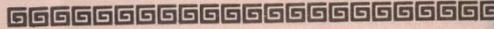


ROCKANTE

"A música popular é um reflexo do mundo. Não sei o que eu gostaria de mudar no mundo. Mais cores nas ruas, provavelmente. Acho que uma pessoa precisa mudar a si mesma para ser um exemplo vivo do que ela está cantando..."



Jimi Hendrix



CANDEIA

DEUS SEJA LOUVADO, ALELUIA! BENDITO SEJAM OS ANJOS DO CANDEIA, LE SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO QUE CAIRAM NA REAL. ENFIM NO VINIL, UMA MÚSICA BEM MAIS CHEGADA AO NOSSO CHÃO. TRATA-SE DO SUITE DE TERREIRO, O MONUMENTAL DISCO DO GRUPO CANDEIA. JOVENS MÚSICOS EXPERIEN- TES, QUE, INSPIRADOS PELO NOSSO FOLCLORE CON- SEGUEM DESTILAR BEM O NOSSO FORRÓ, SEM DISTAN- CIAR-SE DO POVO E SEM CAIR NA MESMICE DAS FMs. PODERÍAMOS DESTACAR ALGUMAS FAIXAS, POR TEI- NOSIA, TODAS DE EXCELENTE NÍVEL. SURPRESA QUANDO SE OUVI O CANDEIA; A ALEGRIA NOSTÁLGICA DE "TERESINA" OU "PAJADOR" SÃO BOAS PÉROLAS. O "MAR DE MINAS" LEMBRA UM POUCO O EXPERI- MENTALISMO DE TETÉ E ITA- MAR. JÁ "ZABELE" LEMBRA MUITO O PIAUÍ.

DISSIDENTES DO MUNDO

O rock polético (Polí- tico & Ético), do Dead Ken- nedys, é um dos mais acerta- dos lançamentos do rock de protesto dos últimos tempos. (ver Lp Fresh Fruit Rotting Vegetables).

Apesar da banda ter se dissolvido no fim do ano passado, eles soam mitoló- gicos.

A última excursão pelos EUA dos "Kennedys Moz- tos", ganhou o título gra- cioso de "Rock contra Reagan", um ataque à alie- nação.

RÁDIO ROCK'N'ROLL, aos do- mingos, das 23:00 às 24:00 horas (Rádio Educadora de Parnaíba), com Danilo Brega, Hélio Gás, Juan Rato, en- ferenizando cabeças.

CONTACTS:
MEGAHERTZ FÃ-CLUBE
Caixa Postal 929
Teresina, PI
64.000

Criado em novembro de 85, das cinzas do ex- tinto "Wagark", o "Mega- hertz" é grande novidade do metal nordestino. Depois de mudanças no som e na formação, a ban- da conta com Kasbafy (guitarra líder), Wil- liam Trash (bass), Eri- switch (lead guitar), Conan (voices) e Cláudio (drums). Produzem um me- tal cru e violento e in- fluências do Kreator, Slayer, Metallica e Des- truction, marcando aqui- lo que os divisionistas chamam de Death, Trash, Speed e Power Metal. As guitarras cortantes, o baixo possante, a voz rasgada, estonteante e a batera precisa, deram luz ao demo-tape "Adrena- lina Total", um bom con- vite ao HEADBANGUEIRISMO e lá vem pedrada tá saindo o segundo demo "METAL LETAL".

O MEGAHERTZ é uma al- ternativa para as FMs. Inesquecíveis são as apresentações

by Joelson dickinson

Banda Outside faz o show "Experience one"

A banda de rock outside, lança oficialmente, durante show no próximo dia 9 de novembro, às 19:30 horas, no Cine Teatro Delta, a Demo-Tape do Grupo, com o show "Experience One".

Sobre o show, o líder do Grupo Marcelo Brito, destaca como "o melhor show" de todos já apresentados, observando tratar-se de um show especial, por ser um show de lançamento de um trabalho.

Em entrevista ao Jornal de Parnaíba, o músico Marcelo Brito conta como vai ser o show e conta como surgiu a banda:

COMO VAI SER O SHOW "EXPERIENCE ONE"

A expectativa de todos que forma a Banda é que este show seja o melhor dos que já apresentamos, tanto por ser um show de lançamento, tanto como também pela estrutura de som e iluminação montados. Neste show, como nas maiorias dos nossos shows, daremos prioridade às nossas próprias composições, naturalmente sem esquecer de apresentar covers e artistas convidados.

O SHOW É DIRIGIDO A QUAL PÚBLICO?

A todos que se identifiquem com o nosso trabalho, que não necessariamente gostem de Rock, mas que gostem da boa música. Nossa expectativa é que grande parte de nosso público seja composto por estudantes e pessoas que já nos acompa-



Banda OUTSIDE

nam desde o início da banda.

COMO SURTIU A BANDA?

A Banda surgiu em outubro de 95 e ao longo destes dois anos, vem mudando de formação, até se estabilizar no atual Grupo. Ah! este show também comemora 2 anos de banda Outside.

QUAL A FORMAÇÃO ATUAL DO GRUPO?

Marcelo Brito (vocais), Paulo Luis (guitarra), Paulo Aladir (baixo), Adriano (enabyle e guitarra) e Arthur

Micholas (bateria).

QUAIS OS PLANOS FUTURO DA BANDA?

A banda tem em mente a partir deste show expandir nossos horizontes. Já temos contatos para shows em Teresina e Fortaleza. É nosso propósito também, lançar nosso primeiro CD no ano que vem, se Deus assim nos permitir.

E PARA CONTACTAR O PESSOAL DA BANDA?

É só ligar para o 321-2063 e falar com o Arthur ou 322-1332 falar com Marcelo.

teatros com dramatização sobre AIDS, uma grande iniciativa da secretária de Saúde Ivonete Beltrão.

LEITURA

O estilista Jorge Ferraz esta no comando da distribuidora da editora Abril no litoral, com um escritório montado ao lado da famosa sorveteria Araújo - Centro, revistas e livros direto da editora, sem atrasos e os mais recentes lançamentos da mídia escrita brasileira.

STOP, PARADA OBRIGATORIA

- Realizado com sucesso o I ENAP, o 1º Encontro de Academias de Parnaíba, na Universidade Federal do Piauí, entre os dias 24 e 26 de novembro, uma promoção da Clínica e Academia Saúde e Estética, reunindo participantes de Luís Correia, Piracuruca, Floriano e Piri-piri.

- O cantor e compositor Teófilo Lima foi o grande vencedor do Parnaicana, I Festival de Música Popular Parnaibana, produzido pelo SESC, cuja finalista aconteceu dia 23 de novembro.

- Grandes revelações da música pop parnaibana foram destaques no festival, cita-se Charlene Queiroz Pires, vocalista da banda "OS ÚLTIMOS ANJOS".

- Preparando um super-show musical na noite parnaibana a Banda "OUT SIDE", pretende dominar o mercado do litoral, com baladas e hits que retrataram o cotidiano de nossa juventude, com performances vocais do sex-símbol Marcelo Brito.

- Tradicionalmente realiza-

da dia 30 de novembro com o título de Cidadã Municipal de Parnaíba, reunindo autoridades e colunáveis do litoral, logo após ela ofereceu um delicioso jantar em sua residência para os seus amigos mais íntimos, inclusive a data, 30 de novembro é muito especial para Maria do Amparo, pois é data do níver de seu marido o vereador Antonio de Pádua Ribeiro dos Santos.

do todos os anos a Festa do Arroz, na vizinha cidade de Buriti dos Lopes, atraiu muitos colunáveis do litó, com a escolha da Rainha do Arroz 1995, dia 25 de novembro, no Piragi - Clube.

- Retornando da capital paraense, Belém, a simpática Neves, recém formada do curso de laboratório pelo Instituto Evandro Chagas, inclusive Neves, vai ser integrante da equipe de Exames de AIDS, que vai ser realizado em Parnaíba.

- Circulou pela capital Federal, Brasília, a secretária de Saúde, Ivonete Beltrão, foi agilizar recursos para a sua secretaria, em prol da saúde do povo parnaibano, uma mulher atuante e competente na sua administração.

FORMATURA

- Foi realizada dia 25 de novembro a solenidade de colação de grau do curso de alfabetização da escola União Caixerai, da turma Prof. Gilberto Escórcio Duarte, e tendo como uma das homenageadas a senhora Enci-da Nóbrega Duarte, diretora do pré-escola e 1º grau - menor.

NIVER

- Um Batalhão de colunáveis do litó prestigiaram a bonita festa de 15 anos da

Os jovens Michel, filho do casal Francisco Rodrigues da Silva, o conhecido Neném e Socorinha, e Joaquim Meireles, filho do casal e jornalista Mário Meireles, em festa pela realização de suas 1ª Eucaristias, dia 24 de novembro, são destaque na coluna "Acontecimentos".

jovem colunável Délia Sávia, filha do casal Ana Francisca Sousa Falcão e Odimar Sousa Falcão, realizada dia 25 de novembro na residência do médico Luís Meireles, com um requintado jantar e entradas deliciosas.

- Prestigiei o acontecimento na companhia de Verbena e Mirian Castelo Branco e encontrei nos jardins do médico Luís Meireles: Vera e Silvana Fontenele, Sônia Machado, Rita de Cássia e João Paulino Soares, Beth Siqueira, a secretária de saúde, Ivonete Beltrão, Edivânia Calixto, Yapunira e Tarcísio Teles de Sousa, Marquete Libório, o sub-secretário de Educação Valdimor Barros, Eugênia e Esther Mavignier, Elisabete e Alison Meireles, Dedé e família etc.

- A bonita coreografia da valsa foi produzida pelo empresário Antonio Fernando Sampaio, e o make-up da debutante foi produzido pelo manequim Paulo Henrique.

ESPECIAL

O parábens especial de Acontecimentos vai para o chefe de gabinete de estado Francisco de Assis Moraes Sousa Junior, que comemorou data, segunda-feira, dia 27 de novembro, onde veio ao litoral para comemorar a data com os seus amigos e conterrâneos, uma personalidade que nunca perde sua simplicidade e honestidade.



A mais recente seção fotográfica do Sheep-Models foi produzida pelo badalado fotógrafo Vieira Filho, no seu bem equipado estúdio, e como registro um close de 3 divas das passarelas parnaibanas, a veterana Alaine Machado, a ninfeta Anríclia Veras e a cat-walker Livia Portela, soberana absoluta das passarelas litorâneas, todas vestindo "Tomorrow", o mais completo curso de Inglês da cidade, do empresário Gilson Costa.



O futuro da moda parnaibana está garantido com os primeiros e decisivos passos do baby Pablo Arthur Mendes Mazulo, a maior atração no desfile da loja "Objetiva", realizado dia 17 de novembro.

de honra respectivamente. Pelo convênio em regime de Comodat, que terá a duração de dez anos, no qual o SESI garante recuperar aquela praça esportiva, especialmente para as disputas do Campeonato Piauiense da próxima temporada. O estádio será cedido ao SESI por um período de dez anos para seus eventos e em contrapartida a entidade reformará o estádio Petrónio Portella, esclareceu o presidente de honra Pedro Alelel.

O presidente do Parnaíba, Ronaldo Santos, ressaltou que o clube estava realizando um grande passo para seu desenvolvimento, e que o SESI está também proporcionando

O campeão parnaibano pelo 7º turno parnaibano, B am o estádio ram.

Atletas parnaibanos homenageados pela

Os destaques do esporte piauiense serão homenageados pela Fundação de Assistência Geral aos Desportos do Piauí (Fagep), no dia 13 deste mês, em solenidade marcada para o Ginásio Verdão, com a presença do governador Francisco de Assis Moraes Souza (Mão Santa).

As indicações dos melhores do ano, estão sendo apontadas pelas Federações do Esporte Amador e Núcleo da Fagep, existentes no interior do Estado.

PARNAÍBA - O Núcleo de esporte da Fagep, instalado na cidade de Parnaíba que tem à fren-

te o desportista Francisco Tribuzona, já indicou a relação dos melhores no esporte parnaibano, nesta temporada:

No Voleibol masculino, Yateranderson Silva de Sousa (Colégio Cibrão. No feminino, Norma Teotonho Rodrigues (Colégio Andreas/Objetivo).

FUTSAL - No Futebol de Salão, Raimundo Acássio de Oliveira Filho Carvalho (Escola Comercial de Parnaíba).

FUTEBOL DE CAMPO - Ronaldo Barbosa da Irv (Parnaíba Esporte Clube).

NATAÇÃO - Rafael Correia

(cate) Cobi (Cate) (Cate) TA ção P dicio do Cr Aleni CI po (C Elias tência (Cate fmo) TE ro Ca

Geórgia vence o Mundial de Xadrez realizado em P

A Geórgia venceu o Campeonato Mundial por Equipes, categoria até 26 anos, que foi disputada de 9 a 17 de novembro em Parnaíba. A equipe formada por três mestres internacionais, Supatashvili, Kacheschvili e Dgebuadze e ainda por Sichinava e Shalambaridze somou 22 pontos (em 28 possíveis), com ampla vantagem sobre as Filipinas.

A equipe brasileira, muito desfalcada, ficou com a sexta colocação. A classificação final foi: 1) Geórgia, 22; 2) Filipinas, 19,5; 3) Finlândia, 16; 4) Áustria, 16; 5) Chile 15; 6) Brasil "A" (Everaldo Matsuura, Carlos Martins, Marcelo Cukier, Stefan Morgado, Antonio Álvaro Soares e Renato Ozaki Barbosa, capitaneados por Marco Antônio Asfora), 14; 7) Portugal, 13,5; 8) Venezuela, 12; 9) Rússia, 11; 10) Bolívia, 9,5; 11) Brasil "B" (com jogadores do Piauí), 3,5.

O patrocínio foi da Caixa Econômica Federal e contou com o apoio do Iapep e da Antartica. A organização foi da Piemtur. O árbitro principal do evento foi Alexandru Sorin Segal e ele foi auxiliado por Joara Chaves e José Augusto de Melo Neto.

Manninen, da Finlândia, foi o melhor primeiro tabuleiro. Os demais destaques foram todos para a Geórgia. Marcelo Cukier, com 4 em 6, foi o terceiro melhor terceiro tabuleiro e, consequentemente, obteve a melhor performance entre os brasileiros. Foi notória a ausência das grandes forças mundiais, Rússia, Hungria, Iugoslávia, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Cuba e Argentina, entre outros. Foi incluída a Rússia, pois ela foi representada por jogadores dum pequena república, todos sem pontuação internacional. Além da

gran contr grav Fide, Xadr com filipi A tran ção, Infe Bras gnu sileit tal p tros, tives para gado gar a passi U Gioe e Ro ria ti tulo.

DETALHES CONSTR
 Construimos e reformamos
 segurança, economia e qualidade
 Av. Marquês de Paranaguá, 1
 Fone contato 322.1591 - PARNÁIBA

Se você quer construir - reformar - planejar sua residência - escritório ou fazenda estamos à sua disposição

A R E S T A

PROJETOS E CONSTRUÇÃO LTDA

Modernismo - Segurança - Beleza e Melhores preços e condições

Av. Conde D'Eu, 640 - Fone: 322.3490 - Parnaíba - PI

TEA - CONSTRU

• Materiais de construção, tintas
 • Amianto, chapas e vergalhões

MATRIZ: Av. Presidente Vargas, 91 - Centro
 Tels: 321-1043 / 321-1211

FILIAL: Rua Picos, 34 - Parnaíba/PI
 Tel: 322-3555

• Material elétrico e hidráulico
 • Canos industriais, metalon
 • Pisos e azulejos

Anexo 9: Recorte de jornal onde percebemos notas sobre a produção musical roqueira de Parnaíba. Cedido por Paulo "Death".



A mídia presente na festa da Garota ABB 95, jornalista da TV Balsas - Maranhão e da AQUARIUS publicidades, entrevistando a super top-model Francilada Cassiano de Oliveira



A vencedora do concurso Aline, garota ABB 95, ao lado do modelo masculino Jemerson Millus, a maior sensação da festa, assédio total nos bastidores, autógrafos para dezenas de fãs.



Na foto a gerente administrativa da Amil - Parnaíba, Laura Sousa Silva, o diretor da Amil - Piauí, Antonio Serqueira Dantas, este colunista e sempre presente a top Maninha.



Em circulada por Floriano, visitei a colunista social Magale Lemos, e ela me contou muitas novidades da sociedade da Princesa do Sul, na foto o colunista social Mauro Júnior, Magale Lemos, Alessandra Lemos, Rainha do Caju 95 e Paulo Cezar, em um grande acontecimento social da verd-cap.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos mil aos colunáveis que me deram uma baita força na realização desta TOUR SHEEP-MODELS:

- A simpática D. Dedé, proprietária das Lojas Das Noivas

- A empresária Teresinha de Jesus Medeiros, proprietária da Funerária São João Batista, que está revolucionando os serviços póstumos do litoral

- O "BOOS" da rádio Igaraçu, Carlson Augusto Pessoa.

BELEZA E COMPANHIA

- A mais badalada cabeleireira da city Jesus e o seu badalado point de beleza, continua reunindo as mais, mais personalidades do litô, dentre tantas clientes de Jesus, cita-se a socialite Janice Soares, que no dia 1º de novembro viaja para o sul do Brasil atrás dos últimos lançamentos da moda nacional.

PARADA MUSICAL

- Novos talentos e bandas estão despontando na parada musical do litoral com força total, incentivos culturais como o Parnacanta, promovido pelo SESC e festas "UNDERGROUND", como a da boate Pegasus, neste sábado, dia 28 de outubro, estimulam a nossa cultura e os muitos talentos que estão no anonimato.

- Bandas como "OUTSIDE", do vocalista Marcelo Brito e "OS ÚLTIMOS ANJOS", de Charlemo Queiroz Pires, produzem hits, que fatalmente irão estourar na mídia do litô, basta só mais apoio por parte da imprensa.

LANÇAMENTO

- Em meio a um grande coquetel a AMIL-PARNAÍBA, foi oficialmente lançada no litoral, reunindo uma multidão de colunáveis e autoridades, dentre elas o governador do estado Francisco de Assis Moraes Souza e a 1ª dama D. Adalgisa Moraes Souza.

Se você quer construir – reformar –
planejar sua residência – escritório ou
fazenda estamos à sua disposição

A R E S T A

PROJETOS E CONSTRUÇÃO LTDA

Modernismo – Segurança – Beleza e Melhores preços e condições

Av. Conde D'Eu, 640 – Fone: 322.3490 – Parnaíba – PI

Diã
Atlético

Diã
Camu

Diã
zerro I

Diã

SIN

CC

RE

C

cas

em

ção

giã

05.1

dos

do S

nafl

199.

com

da l

22*

(um

tant

te, p

liaç

A

nom

para

rido

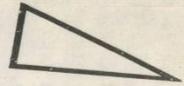
ria c

dos

obti

TIN

Anexo 10: Recorte de jornal parnaibano da década de 1990, onde percebemos a produção roqueira em Parnaíba. Cedido por Paulo "Death".



Em 86 entraram em estúdio e gravaram I DEMO TAPE "AdrenalinaTotal", com 5 músicas. As letras nada têm a ver com satanismo. Falam exclusivamente dos headbangers e da guerra contra o falso metal. Em 87 participaram de um festival em Fortaleza, o METAL DEVASTATION III, juntamente com as bandas ZOTTAN (Ce) e DEVASTAÇÃO (Rn). Tinham como plano a gravação de um novo demo tape, mas o que restou foi a dissolução do MEGHERTZ, a banda mais veloz, crua e violenta de Teresina.

MEGHERTZ



ODIAMOS O QUE É PRA ODIAR

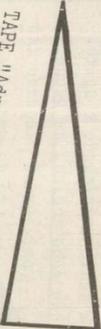
ACONTECEU a tradicional feirinha da comunidade. Parnaíba mergulhou em 5 dias de agitação. O tráfico dos pedestres, de atropelar. O acidente sangrento que pintou foi a cobrança de impostos. Pobres camelôs, artistas, artesãos e tais que vivem dependendo da Arte. Castigados pelos donos do poder que não dão valor ao artista da terra, que vivem massacrados, sem condições, acima de tudo, de invadir as PRAÇAS.

AVALLON

FUJIDOS BANGERS. EM BREVE, "AVALLON" VAI ESTROMPAR OS OUVIDOS PIAUIENSES. FIQUEM LIGADOS QUE A BANDA EXPLODIRÁ COM TODO PESO, TENDO À FRENTE, OS GUITARRISTAS-IMO e THYRSO (EX-VÊNUS).

INFERNO NO CÉU

VEJAM NO BMMXX Nº 3, UMA HIPER REPORTAGEM COM A BANDA DE HEAVY METAL MAIS POSSANTE DE PARNAÍBA. NÃO DEIXEM DE SACAR. SERÁ UM REMÉDIO AOS HEADBANGERS.



VÊNUS



"ONDE O METAL ACONTECE COM MAIS FORÇA!"

Há mais de quatro anos que eles vêm com muita pinacão, é o som heavy metal nino.

NEVE Cia. Lda.

Motores em geral
Av. Pres. Vargas, 293
Tel: 322.1851 e 322.1852

Musical

Instrumentos musicais
Estúdio e Escritório
R. Quetinha Pires, 314



Av. Pres. Vargas

Av. Pres. Vargas, 808
Quil. 112
Parnaíba - PI

Anexo 11: Recorte de Jornal ou zine veiculado entre as década de 1980 e 1990, contendo matérias sobre o Heavy Metal piauiense. Cedido por Paulo "Death".